

Universidade do Estado do Pará
Centro de Ciências Sociais e Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação



A FILOSOFIA NA FORMAÇÃO CRÍTICA DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO

Belém – PA
2013

MAGALY ROSE CAMARGO SENA DE MENDONÇA

**A FILOSOFIA NA FORMAÇÃO CRÍTICA DE
ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO**

Projeto de pesquisa apresentada à banca para
defesa, orientado pela professora Dr^a Ivanilde
Apoluceno de Oliveira.

Belém
2013

Dados Internacionais de Catalogação na publicação
Biblioteca do Centro de Ciências Sociais e Educação da UEPA

Mendonça, Magaly Rose Camargo Sena de

A filosofia na formação crítica de estudantes do ensino médio /
Magaly Rose Camargo Sena de Mendonça; Belém, 2013.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém,
2013.

Orientação de: Ivanilde Apoluceno de Oliveira

1. Filosofia – Estudo e ensino 2. Formação crítica. 3. Métodos de ensino. II.
Oliveira, Ivanilde Apoluceno (Orientador) III. Título.

CDD: 21 ed. 107

AGRADECIMENTOS

A Deus que me permitiu viver para concluir esta etapa e me confortar em todos os momentos difíceis que tenho passado desde o falecimento de meu pai no dia 13 de novembro de 2013.

A minha orientadora Dr^a Ivanilde Apoluceno de Oliveira, a educadora mais humana e profissional que conheço, sem ela jamais teria terminado esta pesquisa, várias vezes pensei em desistir e ela sempre esteve ao meu lado me orientando e dando forças.

Ao meu esposo Fernando que esteve ao meu lado em todos os momentos, com paciência e amorosidade.

A minha amiga Ceila responsável pela minha inscrição no processo de seleção do mestrado.

A todos meus familiares e amigos que sempre acreditam em mim, muitas vezes mais do que eu mesmo acredito.

Agradecimento especial em memória de meu pai Antônio da Costa Senna, um ser humano honesto, amoroso, compreensível, digno, responsável pelo que a de melhor em mim. Pai, muito obrigada, onde você estiver, desculpe não terminar este projeto a tempo de comemorarmos, eu te amo, saudades.

Autor: Magaly Rose Camargo Sena de Mendonça
Título: A Filosofia na Formação Crítica de Estudantes do Ensino Médio

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo investigar se o ensino de filosofia ministrado em escolas públicas do Ensino Médio de Belém tem possibilitado ou não o pensar crítico do estudante sobre problemas existenciais vivenciados em seu cotidiano social. Para alcançar este objetivo procuramos identificar na prática pedagógica dos professores se o ensino de filosofia tem possibilitado ao estudante o pensar crítico; analisar se o ensino ministrado na disciplina filosofia faz sentido para a vida da maioria dos jovens estudantes do Ensino Médio; verificar de que forma a disciplina filosofia ministrada no Ensino Médio contribui para a formação existencial e crítica. Para atender aos objetivos propostos, desenvolvemos uma pesquisa qualitativa com uma abordagem histórico-dialética. O *locus* foi uma escola pública com oferta da disciplina de filosofia nos três anos do ensino médio. Os sujeitos da pesquisa são professores de filosofia e os estudantes de suas respectivas turmas. Os professores foram entrevistados e para os estudantes foi aplicada a técnica da elaboração de uma carta. A sistematização, a análise e a interpretação dos dados foram efetivadas por meio de categorias analíticas e temáticas que foram construídas no desenvolvimento da pesquisa. Está estruturada em 03 seções: introdução; “O ensino da filosofia: formação crítica” e “A filosofia no ensino médio: o que falam os professores e os estudantes”. Foram analisadas as falas de dois professores e as cartas de 47 estudantes. Consideramos que os estudantes conseguiram expressar o entendimento sobre a especificidade da filosofia como campo de conhecimento, apesar de alguns momentos não esclarecerem com detalhes. Observamos também, que apesar das dificuldades apontadas pelos professores, como a falta de recursos didáticos, eles têm contribuindo para que a Filosofia cumpra com seu papel na formação crítica, bem como proporcionam aos estudantes um gostar da Filosofia.

Palavras chaves: Ensino de Filosofia, Formação Crítica, Ensino Médio.

ABSTRACT

Author: Magaly Rose Sena de Mendonça Camargo
Title: The Critical Philosophy in Education High School Students

This research aimed to investigate whether the teaching of philosophy taught in the public schools of Bethlehem High School has allowed or not the student's critical thinking on existential problems experienced in their everyday social life. To achieve this goal we seek to identify the pedagogical practice of teachers teaching philosophy has enabled the student to think critically, to analyze whether the education provided in the philosophy discipline makes sense for the lives of most young high school students; verify how philosophy subject taught in high school contributes to the existential and critical training. To meet the proposed objectives, we have developed a qualitative research with a historical- dialectical approach. The locus was a public school to offer the discipline of philosophy in the three years of high school. The research subjects are philosophy professors and students of their respective classes. Teachers were interviewed and students the technique of drafting a letter was

applied. The systematization, analysis and interpretation of data were effected by means of analytical and thematic categories that were built in the research. Is divided into 03 sections: introduction, " The education of philosophy: critical training "and" The philosophy in secondary schools: speaking teachers and students." The statements of two teachers and 47 students of the letters were analyzed. We believe that students were able to express their understanding of the specificity of philosophy as a field of knowledge, despite some moments not clarifies in detail. We also note that, despite the difficulties pointed out by the teachers, the lack of teaching resources, they have contributed to that philosophy meets its critical role in training and provide students a like Philosophy.

Key words: Teaching Philosophy, Critical Education, Secondary Education.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. O ENSINO DE FILOSOFIA: FORMAÇÃO CRÍTICA.....	24
2.1. A filosofia como reflexão crítica.....	24
2.2. A filosofia no Ensino Médio.....	30
3. A FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO: AS FALAS DOS PROFESSORES E ALUNOS.....	41
3.1. As falas dos Professores sobre a filosofia no ensino médio.....	41
3.1.1. Escolha do Curso de Filosofia.....	41
3.1.2. Formação.....	42
3.1.3. Significado e importância da Filosofia no Ensino Médio para a criticidade do educando.....	45
3.1.4. A prática docente.....	47
3.2. As falas dos Estudantes sobre a filosofia no ensino médio.....	55
3.2.1. A filosofia na vida pessoal.....	55
3.2.2. A filosofia na vida familiar.....	61
3.2.3. A filosofia na vida social	63
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	70
5. REFERÊNCIAS.....	74
6. ANEXOS - Instrumentos da Pesquisa.....	79

1. INTRODUÇÃO

Quando pensamos na possibilidade de concorrer a uma vaga no processo seletivo do mestrado, o que nos pareceu como ponto de partida, foi realizar uma pesquisa que pudesse ajudar o maior número de pessoas que estivessem envolvidos com a escola.

Por atuar algum tempo na educação, percebemos alguns pontos nevrálgicos recorrentes nos estudantes e nos professores: as relações entre eles e suas posturas. Professores reclamando sobre as atitudes dos estudantes, no que se refere a respeito, à solidariedade, ao comprometimento, a responsabilidade e, principalmente, a atitudes que estão ligadas à posição crítica destes estudantes perante a sociedade de classe e aos processos ideológicos de poder. Por outro lado, os estudantes também reclamam em relação às atitudes dos professores, a falta de respeito e de dialogicidade. Questões que envolvem além de atitudes éticas, uma visão mais crítica de mundo e de educação.

Além disso, nos deparamos na sociedade e na escola com problemas entre os quais os preconceitos, violências, intolerâncias e marginalização de pessoas por fatores geracionais, étnicos, de gênero, entre outros.

Pontes (2007), em pesquisa realizada pelo Observatório de Violências nas Escolas – Núcleo Pará, destaca entre os principais tipos de violência existentes na escola: a violência física; a psicológica; a sexual; ao patrimônio; ao meio ambiente e a discriminação. Na visão dos estudantes a violência física (65,6%) e ao patrimônio (54,8%) foram as mais citadas, o que para os pesquisadores não causou surpresa devido à visibilidade e o alcance da lei. Os outros tipos como: uso de drogas; tráfico de drogas; formação e ação de gangues; porte de arma de fogo; porte de arma branca, com exceção da violência psicológica (39,8%), tem pouca visibilidade por parte dos estudantes. Isto não quer dizer que elas não existam, mas, constata-se uma banalização ou não figuram no rol das violências contra as pessoas, concluindo-se que são violências legitimadas ou socialmente aceitas.

Essa pesquisa do Observatório foi desenvolvida sobre o título “Diagnóstico da qualidade das relações sociais da comunidade escolar na Região Metropolitana de Belém”, em 2007, com o objetivo de identificar e analisar a qualidade das relações que se estabelecem entre os sujeitos pesquisados. Em suas conclusões se

confirmou a ascensão de violências no espaço escolar. Consta, também, a confirmação da hipótese de que: as violências manifestadas no espaço escolar evidenciam a deterioração das relações sociais estabelecidas nas escolas, entendendo que a qualidade dessas relações implica interações pautadas em níveis de respeito, liberdade, democracia, igualdade e fraternidade. Estes valores quando negligenciados tendem a propiciar contextos que têm a ver com a ocorrência de violências nas relações interpessoais escolares. (PONTES, 2007).

Partindo deste contexto não dialógico entre professores e alunos no espaço escolar, pensamos realizar uma pesquisa no campo da filosofia, considerando o seu papel na formação crítica dos educandos.

Em que a filosofia pode contribuir para minimizar os problemas sociais? A filosofia está possibilitando aos jovens nas escolas do Ensino Médio a oportunidade de iniciar um processo investigativo, dialógico, ético e reflexivo? A disciplina Filosofia está, de alguma maneira, contribuindo para a formação crítica dos educandos?

Apesar de nossa formação de nível médio ter ocorrido no momento em que a filosofia foi retirada do currículo e de não termos a oportunidade de estudá-la, em nossa formação de nível superior em Pedagogia, para nossa felicidade e crescimento, estava no currículo o estudo da disciplina Filosofia da Educação, que foi ministrada por uma excepcional educadora, Ivanilde Apoluceno de Oliveira, que nos despertou o interesse pela filosofia. Com o objetivo de entender mais sobre esta disciplina e acompanhar mais de perto a professora, nos submetemos ao teste de monitoria. Tivemos a oportunidade, como monitora, de aprofundar um pouco mais o estudo da filosofia. Aquele momento do curso despertou um grande interesse e admiração pelo universo da filosofia.

Percebemos, entretanto, que esta disciplina era deixada em segundo plano no curso superior em que cursamos, pois possuía uma carga horária pequena e era lotada em horários não muito agradáveis para os estudantes, numa sexta-feira no último horário, por exemplo. Concluimos que a disciplina estava muito além do que o tempo e o cansaço permitiam enxergar, entender o mito da caverna, conhecer suas contribuições para as tendências pedagógicas e que praticamente tudo que nos cercava encontrava a filosofia.

Assim, quando resolvemos delinear a pesquisa pela questão de uma educação crítica, procuramos esta disciplina como referência, sabendo que outras

disciplinas também assumem esta postura. No entanto, a filosofia parece possuir este campo mais bem delimitado.

Pechula (2003, p. 492) destaca que a filosofia no ensino médio deve “levar o aluno à reflexão, ao exercício do pensamento, à apreensão do sentido das coisas” e que certamente possibilita ao aluno, “ao final de sua reflexão, seja capaz de criar conceitos”.

Desta forma, a reflexão crítica e a elaboração de conceitos por parte dos educandos seriam tarefas do ensino de filosofia.

Entretanto, quando definimos a Filosofia como campo de pesquisa, nosso primeiro questionamento foi a nossa pouca experiência com a disciplina e um receio de entrar no campo dos filósofos, criado talvez por uma cultura estabelecida de que este campo é exclusivo dos estudiosos da área. Pontos reforçados quando inicialmente começamos a comentar com as pessoas de convívio, entre elas professores, estudantes, familiares e amigos, sobre o que pretendíamos fazer como pesquisa, colocando sempre que seria a Filosofia nosso campo de maior interesse e quase que unanimemente todos tinham um comentário de desestímulo e até questionavam nossa decisão.

Apesar de esclarecer que ela seria a base para uma questão mais profunda, a formação crítica dos estudantes, mesmo assim a Filosofia, para a maioria das pessoas parecia intocável ou simplesmente sem sentido. Nestes momentos nossa determinação sobre a pesquisa foi ficando cada vez mais clara, sabendo que teria que ajudar também a desmitificar alguns destes pontos de vista.

Luckesi (1990, p.35) chama atenção para o fato de que na sociedade as pessoas não questionam a importância do estudo de diversos campos científicos como a física, a química, a biologia, a história, entre outros. Entretanto, no campo da filosofia:

a honorabilidade e seu possível acatamento não aparecem de imediato e de forma materialmente evidente. Ela não produz resultados tecnológicos e, por isso, não se torna visível de forma observável. Os efeitos da filosofia se dão no espírito e na cultura de um povo ou de um indivíduo; daí não ser facilmente reconhecível.

Por isso, uma das atitudes das pessoas na sociedade é a filosofia ser considerada “como alguma coisa inútil e que é produto de mentes diletantes e, deste modo, sem nenhum comprometimento com a existência diária das pessoas,”

(LUCKESI, 1990, p.38) não tendo consciência do verdadeiro significado da filosofia, isto é, “uma forma de entendimento necessário à práxis humana.” (LUCKESI, 1990, p.38).

Para Oliveira (2006, p. 35)

A filosofia considerada forma de entendimento da realidade coloca nas mãos do ser humano uma orientação, um direcionamento para a sua ação. Ela é fundamental para a vida de todos os indivíduos, enquanto seres humanos que desejam encontrar um sentido e um significado para o seu agir. A filosofia ao refletir sobre a realidade concreta, ao colocar-se no plano do pensado, do teórico, constitui-se num entendimento coerente e crítico que possibilita a orientação da ação prática e cotidiana do ser humano. Essa forma de compreender a filosofia vem de encontro a todas as atitudes cotidianas ou oficiais que diminuem ou suprimem o valor da filosofia [...] Ela passa a ser vista com um significado existencial, necessário à existência humana. [...] Pertence à racionalidade humana, buscar um sentido, um significado para a sua vida e a sua forma de agir.

Consideramos que a Filosofia ao propor uma formação humana e crítica, pode ajudar na diminuição dos conflitos das relações interpessoais, formar cidadãos conscientes e responsáveis e uma cultura de respeito entre os atores da escola, favorecendo a convivência social.

Assim, questões que perpassam por valores críticos fazem parte da Filosofia, que atualmente está presente no currículo do Ensino Médio.

Na seção IV da Lei de Diretriz e Bases – LDB, Lei 9394/96, Art. 35. o ensino médio, etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos, terá como finalidades:I - a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;II - a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;III - o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico; No Art.36 IV – serão incluídas a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias em todas as séries do ensino médio e entre as diretrizes destacam-se o domínio dos conhecimentos da Filosofia e Sociologia, necessários ao exercício da cidadania.

No que se refere ao ensino de filosofia Gelamo (2009) problematiza:o que faz o filósofo quando seu ofício é ser professor de filosofia? Entendemos que para lecionar filosofia é necessária a formação em Filosofia.

Murcho (2002, p.9), coloca sobre o que ocorre no ensino de licenciatura em Filosofia em vários cursos.

uma das primeiras coisas que o professor de filosofia recém-formado descobre com espanto é que o que estudou e aprendeu na faculdade é praticamente irrelevante na sua prática letiva. De algum modo, tem de aprender outra coisa quando começa a dar aulas.

Será que dificuldades encontradas no ensino de Filosofia têm a ver com esses resultados de Murcho?

Alguns problemas levantados pelo autor devem servir de orientação para esta pesquisa, como: pensar o lugar do professor de filosofia; entender o modo como é realizada a formação do professor de Filosofia e se de alguma maneira ela contribui para as dificuldades do ensino da mesma; o que e como ensinar filosofia? Que lugar o ensino de filosofia ocupa nos tempos atuais? Será que existe a valorização da transmissão de conhecimento em detrimento da experiência? Qual a importância de lecionar filosofia? Qual a importância dos estudantes aprenderem filosofia? Qual a experiência necessária ao ensinar e aprender filosofia para que o ensino realmente se efetive? O que é necessário para ser um professor de filosofia?

Segundo Jaspers (1977, p.13) “não se pode fugir à filosofia. Pode-se perguntar apenas se ela é consciente ou inconsciente, boa ou má, confusa ou clara. Quem recusa a filosofia está realizando um ato filosófico de que não tem consciência”. Isto significa que toda concepção de mundo humana está fundamentada por uma filosofia. E a Filosofia consiste em investigar os aspectos fundamentais da realidade, por meio de questões que o ser humano levanta em seu cotidiano social.

Para Saviani (1980, p. 27) “a filosofia é uma reflexão radical, rigorosa e de conjunto sobre os problemas que a realidade apresenta”, isto é, uma reflexão que vai à raiz dos fatos e possibilite uma visão global do fenômeno estudado.

O ensino da filosofia é fundamental se realmente queremos construir gerações participativas e não conformistas, pois a investigação na filosofia, pela sua própria natureza, desenvolve o pensamento reflexivo e crítico.

Segundo Severino (1994, p.195) “a criticidade é a qualidade da reflexão que supera a condição da consciência ingênua e da consciência dogmática, capaz de desvelar o enviesamento ideológico de todas as formas de discursos, teóricos e práticos, que constituem a cultura humana”. E para Freire (1996, p.13) “quanto mais

criticamente se exerça a capacidade de aprender tanto mais se constrói e desenvolve o que ele chama de curiosidade epistemológica, sem a qual não alcançamos o conhecimento cabal do objeto”.

A educação que visa à realização plena do ser humano, deve se apoiar em uma prática participativa, democrática e solidária, deve ser cooperativa, dialógica, que colabore e construa relações igualitárias entre pessoas e grupos, uma educação que não discrimine nem diferencie e que por meio desta educação os estudantes possam ter acesso a benefícios sociais, políticos e econômicos e sejam formados para a cidadania.

Para Freire (1993, p.45) o significado de ser cidadão é o “índividuo no gozo dos direitos civis e políticos de um Estado e que cidadania tem que ver com a condição de cidadão, quer dizer, com o uso dos direitos e o direito de ter deveres de cidadão”. A formação da cidadania possibilita assim a construção de uma sociedade justa economicamente, politicamente democrática, culturalmente plural e solidária socialmente.

Desta forma, para que esta realidade se concretize é importante que o trabalho pedagógico, na disciplina filosofia, seja realizado numa linha investigativa e problematizadora, para que os jovens possam pensar por si mesmo. Isso está acontecendo nas escolas? Os professores no ensino de filosofia vêm realizando a tarefa de desenvolver o pensamento e crítico dos alunos ou estão mais preocupados em repassar o conteúdo da história da filosofia?

Para desenvolver um pensar crítico há necessidade de existir o diálogo com o estudante, o que pressupõe uma prática pedagógica diferente da tradicional. Uma prática educativa que desenvolva a dialogicidade e a criticidade no processo educativo. Que prática pedagógica os professores de filosofia vem efetivando no Ensino Médio?

Essas são questões que apontam para a necessidade de analisar como está sendo realizado em uma escola pública o ensino de filosofia no Ensino Médio.

Considerando o caráter ético-político da filosofia e sua presença na formação dos estudantes do ensino médio, levantamos como problema: *o ensino de filosofia ministrado em uma escola pública do Ensino Médio de Belém tem possibilitado o pensar crítico do estudante sobre problemas existenciais vivenciados em seu cotidiano social?*

Em torno da questão-problema levantamos ainda as seguintes questões: A disciplina filosofia tem possibilitado ao estudante o pensar crítico? A disciplina filosofia faz sentido para a vida da maioria dos jovens estudantes? De que forma essa disciplina contribui para a formação existencial e crítica e se interfere na práxis social do estudante?

Com base nas questões norteadoras definimos os objetivos desta dissertação.

O objetivo geral deste estudo é analisar como o ensino de filosofia ministrado em escola pública do ensino médio de Belém tem possibilitado ou não o pensar crítico do estudante sobre problemas existenciais vivenciados em seu cotidiano social.

Os objetivos específicos são:

- a) Identificar na prática pedagógica dos professores se o ensino de filosofia tem possibilitado ao estudante o pensar crítico;
- b) Analisar se o ensino ministrado na disciplina filosofia faz sentido para a vida de alguns jovens estudantes do Ensino Médio;
- c) Verificar de que forma a disciplina filosofia ministrada no Ensino Médio contribui para a formação existencial e crítica.

Para atender aos objetivos propostos, desenvolvemos uma pesquisa qualitativa. Chizzotti (1998, p) explica que:

o termo qualitativo implica uma pesquisa densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível.

As características básicas da pesquisa qualitativa, segundo Lüdke e André (1986) são: a fonte direta de dados é o ambiente natural; tem o pesquisador como seu principal instrumento; a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto; é foco de atenção especial do pesquisador o significado que as pessoas dão as coisas e a sua vida, etc.

A abordagem a ser utilizada é a histórico-dialética. A escolha desta abordagem foi pelo fato da dialética:

fornecer as bases para uma interpretação dinâmica e totalizante da realidade, já que estabelece que os fatos sociais não podem ser entendidos quando considerados isoladamente, abstraídos de suas influências políticas, econômicas, culturais etc. (GIL, 1999, p 32).

O método dialético também segundo Lakatos (2005) “penetra no mundo dos fenômenos por meio de uma ação recíproca, da contradição inerente ao fenômeno e da mudança dialética que ocorre na natureza e na sociedade”. Portanto, para a dialética:

As coisas não são analisadas na qualidade dos objetos fixos, mas em movimento: nenhuma coisa está “acabada”, encontrando-se sempre em vias de se transformar, desenvolver: o fim de um processo e sempre o começo de outro. Por outro lado, as coisas não existem isoladas, destacadas uma das outras e independentes, mas como um todo unido e coerente. (LAKATOS, 2005, p 101)

A abordagem é histórica, pois “partindo do princípio de que as atuais formas de vida social, as instituições e os costumes têm origem no passado, é importante pesquisar suas raízes para compreender sua natureza e função” (LAKATOS, 2005, p 106,107).

Assim, acreditamos que esta abordagem deve contribuir para uma melhor compreensão do objeto, em se tratando do ensino da filosofia e seu percurso histórico no Brasil. O método histórico consiste:

Em investigar acontecimentos, processos e instituições do passado para verificar a sua influência na sociedade de hoje, pois as instituições alcançaram sua forma atual por meio de alterações de suas partes componentes, ao longo do tempo, influenciadas pelo contexto cultural particular de cada época. (LAKATOS, 2005, p 107).

A pesquisa aconteceu na Escola Estadual de Ensino Médio Visconde de Souza Franco, localizada na Avenida Almirante Barroso nº 1150, Bairro do Marco, em Belém-Pará, os dados foram informados pelo vice-diretor da escola.

A Abrangência Curricular da escola inclui Ensino Médio 1ª, 2ª e 3ª séries e a Educação de Jovens e Adultos- EJA no ensino médio - 1ª e 2ª etapas. A escola funciona nos turnos matutino, vespertino e noturno. Possui atualmente 2342 estudantes matriculados no ensino médio e 664 na Educação de Jovens e adultos, totalizando 3006. O seu quadro de recursos humanos consta de 01 diretor, 2 vice-

diretores, 105 professores, 5 coordenadores de laboratório, 9 técnicos de educação, 12 agentes administrativos, 1 secretário, 3 agente de portaria, 10 auxiliares operacionais e uma bibliotecária.

A unidade escolar Visconde de Souza Franco iniciou suas atividades no bairro do Marco com denominação de Centro Propagador das Ciências fundado em 23 de janeiro de 1918, denominando-se posteriormente Sociedade Civil de Agronomia e Veterinária do Pará em virtude de manter a Escola de Agronomia e Veterinária, extintas em 1942 a 1943. A escola foi fundada em 10 de julho de 1947 pela Sociedade Civil Veterinária e instalada a 11 de março de 1948, mantendo os cursos: primário, Colegial, Secundário (com áreas de Ciências Matemáticas, Ciências Biológicas e Ciências Humanas) e Normal (Formação de Professores do Primário).

O seu diretor fundador foi o prof. Antônio Gomes Moreira Júnior. Posteriormente em 1967 a escola passou a pertencer à Fundação Educacional do Estado do Pará com a denominação de Colégio Estadual Visconde de Souza Franco. Em 1974 com a implantação da Reforma de Ensino de 2º Grau, passou a ser chamado de Escola Estadual de 2º Grau Visconde de Souza Franco, mantendo as Habilitações Básicas em Administração, Construção Civil, Saúde e a Habilitação Técnica em Magistério. Em 1980 foi incluída a Habilitação Básica em Crédito e Finanças e em 1985, passou a atender nas Habilitações Técnicas em Administração e Patologia Clínica. Em 1959, existiram no prédio a Escola Normal Visconde de Souza Franco, Escola Técnica de Agrimensura do Estado do Pará, mantidas pela Sociedade Civil de Agronomia e Veterinária do Pará. Até 13 de maio de 1958, manteve a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Estado do Pará integrada posteriormente pela Lei nº 5.191 de 02/07/1954 à Universidade do Pará.

Destaca-se que tudo teve início por meio do Centro Propagador das Ciências, que era administrado por uma diretoria eleita bienalmente cujo mandato era exercido gratuitamente de acordo com o Estatuto Social. A composição da primeira Diretoria: Presidente: Antônio Gomes Moreira Júnior, Diretores: Pe. Leandro Pinheiro, José Maria Hesketh Conduru, Renato Pinheiro Condurú, Raimundo Olívio Raiol de Oliveira e Sinésio Paulo Carvalho. O Centro Propagador das Ciências possuía além da Diretoria, o Conselho Fiscal. As atividades desenvolvidas neste Centro eram de caráter exclusivamente educacional, tendo sido evidenciadas em 1958. Cursos: primário – ginásial – normal (Formação do Professor Primário) Agrimensura e Cursos Superiores, funcionando até 13/05/1958, com Habilitação em Magistério,

Letras Clássicas, Geografia, História, Ciências Sociais, Pedagogia e Didática. Instituições: Escola Primária Visconde de Souza Franco; Ginásio Visconde de Souza Franco; Escola Normal Visconde de Souza Franco e Escola Técnica de Agrimensura do Pará.

Por meio de portaria assinada pelo presidente do Centro Propagador das Ciências foi extinta a Escola de Agrimensura do Pará, a partir de 1º de janeiro de 1962, não funcionando, a partir de 1960, a 1ª série do Curso de Agrimensura. Outra portaria é assinada pelo presidente do Centro Propagador das Ciências em 23/05/1959 para transferência da Escola Normal e Ginásio Visconde de Souza Franco, para a Universidade do Pará, a fim de constituir o Colégio de Aplicação Visconde de Souza Franco da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Pará. Com a extinção do Centro Propagador das Ciências, em 15 de julho de 1960, foi instituída a Fundação Educacional Visconde de Souza Franco, mantendo o curso Primário, Ginásial e Secundário.

A Fundação Educacional do Estado do Pará tem como uma de suas finalidades: Manter, agrupando-os sob sua jurisdição, todos os estabelecimentos de ensino médio e superior da capital e do interior do Estado, que lhe forem transferidos pelo Governo do Estado, bem como, criar novas Unidades de Ensino; Criar e manter o Instituto de Ensino e Pesquisa do Pará, congregando: Colégio Estadual Visconde de Souza Franco, com os primeiros e segundos ciclos diversificados, abrangendo entre outros os cursos secundários, técnicos e de formação de professores para o ensino Primário e Pré-Primário. Neste local originaram-se os primeiros cursos de 3º grau, originando a Universidade do Pará, hoje denominada Universidade do Estado do Pará.

Os critérios de escolha da escola foram os seguintes: ofertara disciplina filosofia no currículo da escola; a disciplina ser ofertada nos três anos do ensino médio; a disciplina ser ministrada por professores com formação em filosofia.

A intenção foi pesquisar em turmas de 1º, 2º e 3º ano. A escolha por séries distintas se deu pela possibilidade de analisar a prática dos docentes envolvendo conteúdos diferenciados da disciplina.

Os sujeitos da pesquisa foram professores de filosofia e os estudantes de suas respectivas turmas.

Os critérios de escolha dos professores foram: serem docentes de ambos os sexos; ministrarem a disciplina filosofia no tempo mínimo de um ano e serem formados em licenciatura em filosofia.

Na pesquisa foram entrevistados um professor e uma professora de filosofia que fazem parte do corpo docente da escola. Inicialmente fomos recebidos pelo vice-diretor da escola que após nossos esclarecimentos sobre a pesquisa e solicitações de informações sobre o ensino de filosofia, informou que a escola tinha três professores, mas um estava de licença médica. Após os devidos documentos de autorização serem entregues o mesmo nos autorizou a fazer a pesquisa, orientando como proceder, dia e hora para contato com os professores.

No dia marcado fomos à escola e os professores nos receberam muito bem. Após a agenda da pesquisa foram realizadas as entrevistas, bem como acompanhamento de um dos professores em sua rotina em sala de aula em duas turmas. Em nossas referências aos professores de filosofia serão identificados como Sócrates e Sophia os estudantes por sexo feminino e masculino, correspondendo a EF1, EF2... e EM1, EM2....

Para entrevista com os professores foram construídas trinta e oito questões que abordam: os dados pessoais, dados sobre formação e sobre a prática pedagógica..

O perfil dos professores entrevistados é um do sexo masculino e outro feminino, com idade de 33 e 57 anos, atuando como professores, nas 1ª, 2ª e 3ª séries do ensino médio e têm em média 30 a 35 alunos por turma.

Sócrates possui bacharelado e licenciatura em filosofia, tendo sido formado em 2010 na UFPA. Sophia também possui bacharelado e Licenciatura em Filosofia, no ano de 1998 na UFPA, com Especialização em Gestão de Sistemas Educacionais concluída em 2001 na PUC de Minas e Especialização em Metodologia do Ensino Superior, em 2002 pela UEPA.

Em relação aos alunos, no total foram sujeitos da pesquisa 47 alunos, pertencentes às 03 turmas de filosofia, sendo uma do Sócrates e duas da Sophia.

O perfil dos educandos é 21 do sexo masculino e 26 do sexo feminino e a faixa etária entre 16 a 19 anos.

Os critérios de escolha dos alunos foram: estar vinculado à turma em que o professor seja sujeito da pesquisa; de ambos os sexos; tenham interesse em participar da pesquisa. Para os estudantes os professores solicitaram a participação

voluntária. Foi muito importante o número de participantes, pois pensávamos em atingir 10% de cada turma. No dia da aplicação das cartas estavam presentes nas três turmas 92 estudantes e 47 contribuíram com a pesquisa, totalizando um percentual de 51% de participação.

Entre os procedimentos da pesquisa realizados estão:

a) Levantamento bibliográfico.

Nesta etapa foi levantada bibliografia referente à filosofia, ao ensino de filosofia e à educação. Autores como Oliveira (2006), Severino (1994), Freire (1993), Kohan e Gallo (2000), Luckesi (2005), Saviani (1980), Morin (2003) entre outros, foram trabalhados no texto da dissertação.

b) Entrevistas semi-estruturadas com roteiro pré-estabelecido foi aplicado aos professores.

A entrevista:

é uma técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe fórmula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta com fonte de informação (GIL, 1999, p.117).

Para este autor, o uso da entrevista “possibilita a obtenção de dados referentes aos mais diversos aspectos da vida social”, “é uma técnica muito eficiente para a obtenção de dados em profundidade acerca do comportamento humano”, “os dados obtidos são suscetíveis de classificação e de quantificação” (GIL, 1999, p.118).

Para Goode e Halt (1969, p. 237), a entrevista “consiste no desenvolvimento de precisão, focalização, fidedignidade e validade de certo ato social como conservação”.

Oliveira, Fonseca e Santos (2010, p. 42) explicam que “a entrevista caracteriza-se por ter uma estrutura aberta e flexível, que pode surgir das interações sociais no processo investigativo, constituindo-se a linguagem como mediação de apreensão da realidade”.

Assim, o roteiro torna-se um guia, mas o importante é a flexibilidade viabilizada pelo diálogo entre o pesquisador e o sujeito da pesquisa.

Na entrevista os professores foram consultados sobre, tempo de atuação no ensino de filosofia, sua formação, sua escolha pelo ensino da Filosofia, a importância do ensino da filosofia, sua metodologia de ensino, planejamento da disciplina, entre outras questões referentes à prática pedagógica no ensino da disciplina Filosofia.

c) Aplicação da técnica da carta com os estudantes.

A aplicação de cartas foi sugerida durante conversa com professoras da UEPA que citaram esta técnica utilizada pela professora Leda Lisia Franciosi da PUC do Rio Grande do Sul. Entramos em contato por e-mail com a professora Leda perguntando sobre o uso de cartas na pesquisa. A professora nos informou que as cartas como instrumento de pesquisa não são encontradas nos livros de Metodologia da Pesquisa, entretanto são poderosos instrumentos e muito desvelam. Disse que usou as cartas em duas situações de pesquisa: uma com alunos de 4ª série do ensino fundamental de escolas de dois municípios ribeirinhos de Belém, e a outra com alunos de 6º nível do Curso de Pedagogia da PUC-RS.

Explicou a professora Leda que a solicitação para os alunos foi que escrevessem uma carta a um professor seu da escola em que estava frequentando, que fosse considerado “um professor que fez a diferença em sua vida”, explicando porque escolheu este professor. Em suas mensagens foram analisadas variáveis importantíssimas tais como: identidade do ser Professor (características que os constituem em seu ser); relações estabelecidas com os alunos e propostas metodológicas desencadeadas em sala de aula.

Moraes (2006, p. 172) afirma que “a carta é um gênero primário do discurso propício para refletir a individualidade daquele que escreve” e que a carta é um recurso pouco utilizado na pesquisa, embora o seu uso recentemente venha crescendo. Destaca a autora como marco inicial da utilização da carta na coleta de dados em pesquisa o texto “Histórias de vida na abordagem de problemas educacionais” de Demartini, no qual relata a utilização da carta nas memórias e professores que lecionaram durante o período da República no Estado de São Paulo, pelo fato de não ter o número de telefones de todos os professores e o custo de ligação interurbana ser alto.

A autora destaca ainda que: “o escritor de cartas pode estimular um jogo de perguntas e respostas dialogando com o leitor, formula perguntas, responde-as, opõe objeções, refuta ideias; deduz o querer dizer do outro e faz novas perguntas a partir de provocações” A carta segundo Moraes pode “entrecruzar relações afetivas e culturais entre as pessoas” (MORAES, 2006, p. 173).

Após ter conhecimento destas informações pela professora Leda consideramos a possibilidade de usar este instrumento de pesquisa com os estudantes de filosofia.

Nesta dissertação, a construção da carta pelos educandos teve como questões indutoras: qual o sentido das aulas de filosofia para a sua vida pessoal, familiar e social?

As cartas foram aplicadas aos 47 alunos, cuja média foi de 18 linhas por carta. Esta média de linhas escritas foi efetivada porque houve diferença do número de linhas entre os estudantes, alguns escreveram muito e outros poucos.

Com a elaboração da carta ao professor de filosofia espera-se que o educando expresse se as aulas de filosofia apreendidas no ensino médio tem sentido para a sua vida e se lhe permite ter uma visão crítica sobre as situações existenciais e sociais vividas em sociedade.

d) Sistematização, análise e interpretação dos dados.

A sistematização, a análise e a interpretação dos dados foram efetivadas por meio de categorias analíticas e temáticas a serem construídas no desenvolvimento da pesquisa, tendo por base a análise de conteúdo de Bardin (2002).

Pode-se resumir de um modo geral o termo análise de conteúdo como:

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 2002, p 42)

A organização das diferentes fases da análise de conteúdo é feita em torno de três polos cronológicos: a pré-análise; a exploração do material e o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. (BARDIN, 2002)

De acordo com Gil (1999, p. 168) “a análise tem como objetivo organizar e sumariar os dados de forma tal que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para investigação” e a “ interpretação tem como objetivo a procura do sentido mais amplo das respostas, o que é feito mediante sua ligação a outros conhecimentos anteriores obtidos”.

Em nossas análises para organização do texto elaboramos em termos das falas dos docentes 04 eixos: (1) escolha do curso de filosofia; (2) formação; (3) significado e importância da filosofia no ensino médio para a criticidade do educando e (4) prática docente. Em relação às falas dos alunos construímos 03 eixos: a filosofia na vida pessoal; na vida familiar e na vida social.

Na realização desta pesquisa utilizamos alguns cuidados éticos. Não podemos ignorar atitudes éticas e sociais, devemos ficar atentos para os benefícios e riscos de uma pesquisa.

A preservação da privacidade se manifesta quando: o pesquisador garante a não revelação da identidade/identificação das pessoas-participantes; o pesquisador só utiliza imagens e sons com autorização específica para tal; há cuidado com e na utilização de registros: laudos, exames, relatórios, planos, etc.; há preocupação por parte do pesquisador com o acesso às informações pessoais das pessoas-participantes por terceiros; os dados obtidos são de uso exclusivo para o projeto de pesquisa (TEIXEIRA; OLIVEIRA, 2010, p. 17).

Para atender este item, utilizamos carta de apresentação para oficializar junto às instituições a realização da pesquisa; esclarecer a escola sobre a pesquisa; solicitar autorização da escola; convidar educadores e estudantes a participarem da pesquisa; informar sobre os objetivos da pesquisa; acatar a participação voluntária; manter o anonimato dos envolvidos na pesquisa e socializar os resultados da pesquisa na escola e aos demais participantes.

Enfim, por meio deste estudo esperamos que se compreenda a importância da filosofia como fator essencial à formação crítica dos estudantes, contribuindo para que no ensino de filosofia os estudantes reflitam e reelaborem conceitos e valores gestados na prática cotidiana e no senso-comum.

Pretendemos se possível, por meio desta pesquisa analisar de que maneira vem sendo pensado o ensino da Filosofia, como o ensino de filosofia esta sendo constituído no ensino médio e suas discussões sobre os resultados alcançados. O pouco acervo sobre o assunto como colocam Gallo e Kohan (2000, p.7), ao se referirem ao ensino secundário:

“a bibliografia é parca, como bem sabe qualquer professor que, angustiado frente à esfinge da sala de aula, tenta buscar nos livros um alento para seu trabalho cotidiano, uma forma de melhor fundamentar sua prática docente. É certo que temos vários manuais para o ensino de filosofia nesse nível e mesmo alguns bons manuais. Mas a produção filosófica sobre o ensino da filosofia, entre nós, ainda é praticamente nula”,

podem dificultar, mas acreditamos que os resultados deste trabalho devem servir de subsídios para novas e aprofundadas pesquisas.

Pensamos que essa pesquisa possa provocar reflexões sobre as relações entre os seres humanos, e as possibilidade de convivência com todo o planeta de maneira igualitária e justa, pois sabemos que nossas relações não estão limitadas apenas a seres humanos, ela acontece com o meio ambiente, a natureza, os animais, o cuidar e o respeito a tudo que nos circula. Precisamos cuidar do planeta como um todo e que nossas atitudes por menores que sejam podem acarretar grandes e muitas vezes irreversíveis danos a todos. Teremos muitas dificuldades de viver dignamente na sociedade em que os conflitos estão sendo permanentes e atitudes morais inaceitáveis estão sendo naturalizadas.

Faz-se necessário e, com certa urgência, que a escola como campo de grande responsabilidade na formação do indivíduo, desempenhe seu papel e que todos os envolvidos contribuam para que situações de violências não sejam nem pensadas na escola quanto mais aconteçam. Nós como educadores devemos buscar alternativas para contribuir para que a escola seja um lugar agradável e que as pessoas realmente sintam prazer em fazer parte.

Finalmente, esta dissertação está estruturada em 03 seções: a introdução, na qual apresentamos nosso objeto de estudo, problema, objetivos, metodologia e justificativa sobre a importância do estudo. Nossos questionamentos giram em torno da questão de como a filosofia, por sua formação crítica, contribui para minimizar os problemas sociais? A filosofia está possibilitando aos jovens nas escolas do Ensino Médio a oportunidade de iniciar um processo investigativo, dialógico, ético e reflexivo? A disciplina Filosofia está de alguma maneira contribuindo para a formação crítica dos educandos?

Na segunda seção “O ensino da filosofia: formação crítica”, analisamos a filosofia como reflexão crítica baseado em autores como Oliveira (2006), Marcondes (2007), Dussel (2000), Casali (2007), Lorieri (2004), Rios (2004), Kohan e Gallo (2000), Morin (2003), Freire (2001), entre outros. Tratamos ainda a filosofia no

ensino Médio, sua chegada ao Brasil, reformas, debates nacionais e regionais e desafios na formação do professor.

A terceira seção: “A filosofia no ensino médio: o que falam os professores e os estudantes”. Analisamos as falas dos professores obtidas por meio de entrevista e as cartas dos estudantes. Construimos categorias com o objetivo de facilitar o entendimento. As análises das cartas dos estudantes foram feitas buscando identificar o sentido da filosofia na sua vida pessoal, familiar e social.

2. O ENSINO DE FILOSOFIA: FORMAÇÃO CRÍTICA.

2.1. A filosofia como reflexão crítica

Quando estudamos o que é filosofia, segundo Oliveira (2006), alguns pressupostos são necessários: entender que é uma atividade especificamente humana, histórico-política e se apresenta estruturada teoricamente, conceitual, vinculada a vida, a prática e a realidade.

Para Oliveira (2006), a filosofia se apresenta como uma atividade especificamente humana. Na sua relação com o mundo, o ser humano é condicionado pelo mundo que também sofre sua interferência. O ser humano além de transformar, modifica o que já foi transformado, desta forma depara-se em todos os momentos com desafios que o leva a questionar e investigar; assumindo assim uma postura filosófica (originada pelo ato de problematizar). Assim, diante do mundo, o ser humano começa a interrogar e filosofar, partindo do pressuposto que estamos enraizados em problemas.

Ainda para esta autora (2006), a filosofia é uma atividade racional, crítica, e uma práxis (reflexão-ação), que tem como principal tarefa levar o ser humano a pensar seu próprio pensamento, ou seja, passar de um plano a-crítico para o crítico, capaz de transformar sua realidade social. Apresenta-se como histórico-política, pois cada filósofo é filósofo do seu tempo, e vai refletir sobre os problemas que a realidade deste tempo se apresenta. Por não ser neutra, nem desinteressada, assume a filosofia um caráter político. A filosofia também se preocupa com as questões morais.

Marcondes (2007) destaca que a ética é um dos temas mais importantes da filosofia, abordando nossa vida concreta, nossa prática cotidiana.

A ética é uma das áreas que maior interesse desperta atualmente no campo da filosofia, sobretudo porque diz respeito diretamente à nossa experiência cotidiana, levando-nos a uma reflexão sobre os valores que adotamos, o sentido dos atos que praticamos e a maneira pela qual tomamos decisões e assumimos responsabilidades em nossa vida (MARCONDES, 2007, p.9).

Apresenta Marcondes (2007, p.10) em relação à ética, três dimensões: (a) o sentido básico ou descritivo: “conjunto de costumes, hábitos e práticas de um povo”; (b) o sentido prescritivo ou normativo: “conjunto de preceitos que estabelecem e

justificam valores e deveres” e (c) sentido reflexivo ou filosófico: que diz respeito às teorias ou concepções filosóficas da ética, como a ética da responsabilidade, a dos princípios, o utilitarismo e outras, visando examinar e discutir a natureza os fundamentos dos sistemas e das práticas, analisando os conceitos e valores que lhes pretendem dar fundamento.

A ética, então, está vinculada ao processo de reflexão filosófica e ao contexto sociocultural e político do qual os indivíduos fazem parte.

Dussel elabora uma ética crítica e engajada politicamente com os diversos segmentos sociais excluídos. Ética que tem como referência a vítima do sistema, negada, excluída, afetada em seu direito fundamental à vida. “Trata-se de uma ética cotidiana, desde e em favor das imensas maiorias da humanidade excluídas da globalização, na presente “normalidade” histórica vigente” (DUSSEL, 2000, p. 15). Elege a vida como critério último de valor. Assim, tem valor o que se relaciona com a vida humana, constituindo-se em critério ético: “a reprodução e desenvolvimento da vida do sujeito humano em geral” (DUSSEL, 2000, p. 10).

Casali (2007, p.79) destaca que:

Oêthos é uma astúcia da vida. É o modo inteligente pelo qual a vida trata de realizar-se: criar-se, manter-se, reproduzir-se, desenvolver-se (DUSSEL, 1998, p.136). “Esse é o critério e o princípio mais fundamental da ética”. [...] A vida deve poder *criar-se* [...] A vida deve poder *manter-se*, *proteger-se*, *reproduzir-se*. Uma vez criada, a vida deve ser cuidada [...] A vida deve poder *desenvolver-se*.

Em se tratando da vida humana é uma vida convivida, porque o ser humano é social, cuja vida se realiza em convivência, é uma vida grupal.

A ética aparece, assim, como um acordo sobre como estabelecer a convivência entre os seres humanos numa dada instituição, cultura: o que é valorizado, o que é proibido, o que é possível, o que é obrigatório, o que é de livre arbítrio do indivíduo. São acordos. Poder, dever, querer. Nem tudo o que se pode se deve. Nem tudo o que se deve, se pode. Nem tudo o que se pode ou deve, se quer. O *poder* e o *dever* são da ordem social, externo ao indivíduo. O *querer* é da ordem interna do indivíduo: é a ordem da responsabilidade (CASALI, 2007, p.80).

O ponto de partida da crítica na ética de Dussel (2000) é a tomada de consciência do sofrimento das vítimas e o reconhecimento de sua dignidade que é

negada pelo sistema. Neste sentido, a ética de Dussel possibilita tanto a crítica ao sistema opressor quanto projeta uma alternativa que o transforme ou substitua.

Assim, na visão de Dussel a Filosofia como radicalmente problematizadora é crítica, histórica, ética e politicamente contextualizada na realidade social e no existir humano.

O questionamento crítico é parte fundamental da vida humana, a necessidade de saber mais, de observar transcendendo nossas limitações atuais, explorar o desconhecido, é o que faz a vida humana não só ser notável e interessante, como também ter um propósito para o seu existir em sociedade.

Para Abbagnano (2000, p.223), crítica (*in. Critique; fr Critique; al Kritik; it Critica*), é um termo introduzido por Kant para designar o processo pelo qual a razão empreende o conhecimento de si: “o tribunal que garanta a razão em suas pretensões legítimas, mas condene as que não têm fundamento”. A crítica não é, pois “a crítica dos livros e dos sistemas filosóficos, mas a crítica da faculdade da razão, em geral com respeito a todos os conhecimentos aos quais ela pode aspirar independentemente da experiência”: portanto também é “a decisão sobre a possibilidade ou impossibilidade de uma metafísica em geral e a determinação tanto de suas fontes quanto de seu âmbito e de seus limites”.

A tarefa da Crítica, portanto, é ao mesmo tempo negativa e positiva: negativa enquanto restringe o uso da razão; positiva porque, nesses limites, a Crítica garante a razão o uso legítimo de seus direitos. A Crítica assim entendida afigurava-se a Kant como uma das tarefas de sua época ou, como diz ele habitualmente, da “Idade Moderna”; de fato, constituía a aspiração fundamental do Iluminismo, que decidido a submeter todas as coisas à Crítica da razão, não se recusava a submeter à própria razão à Crítica, para determinar seus limites e eliminar de seu âmbito os problemas fictícios.

Quem abriu esse caminho ao Iluminismo foi Locke, um de seus maiores inspiradores, que segundo palavras contidas na Epístola do leitor, a qual antecede o *Ensaio sobre o entendimento humano*, concebeu o Ensaio com a finalidade de “examinar as capacidades próprias do homem e verificar quais objetivos seu intelecto é capaz ou não de considerar”. O Iluminismo adotou esse ponto de vista. O título que Kant pensará dar à *Crítica da Razão Pura*, ou seja, *Os limites da sensibilidade e da razão* exprime bem o significado que ficou ligado à palavra “Crítica”. Contra esse significado, Hegel objetou que “querer conhecer antes de

conhecer é absurdo, tanto quanto o é prudente propósito de quem quer aprender a nadar antes de se arriscar a entrar na água”. Mas essa objeção é infundada, pois a Crítica kantiana não age no vazio nem precede o conhecimento de que o homem efetivamente dispõe, com o fim de determinar as condições de sua validade. Não se trata, portanto, de aprender a nadar fora da água, mas analisar os movimentos do nado para determinar as possibilidades efetivas que ele oferece, comparando-as às outras, fictícias, que levariam ao afogamento.

Lorieri e Rios (2004) afirmam que a filosofia tem a ver com a reflexão crítica. Consideram que:

O pensar e o repensar é o que podemos chamar de reflexão. “Re-flexão: “flexão” é dobra; o “re” indica retorno, para trás. Flexão para trás: retorno do pensar sobre si mesmo para pensar melhor. Para examinar melhor o já pensado numa primeira vez [...] É nossa consciência se re-vendo por uma , duas ou mais vezes: examinando e re-examinando. (LORIERI e RIOS, 2004, p. 21).

Para os autores, “submeter o pensar ao repensar de maneira examinativa séria é colocá-la em crise: é isso o que se denomina pensamento reflexivo e crítico” (LORIERI e RIOS, 2004, p. 22). O pensamento reflexivo crítico vai mais fundo na compreensão dos fatos, vai à raiz dos problemas existenciais do ser humano, estabelecendo relação dialética com o agir humano. Explicam, ainda que:

Quando assumimos uma atitude crítica, procuramos olhar de maneira abrangente, para ver os aspectos bons e maus. A crítica nos permite “iluminar” o que estamos investigando, no sentido de aprimorar o que está bom e procurar superar o que não está. Na atitude crítica encontra-se um questionamento, uma indagação, um desejo de ampliar o universo do nosso conhecimento (LORIERI; RIOS, 2004, p.23).

Kohan e Gallo (2000, p.195) destacam que: “uma educação para a autonomia, no sentido da formação de indivíduos que possam escolher por si mesmos em que mundo querem viver, só pode ser tal se nela tiver lugar a filosofia”. Assim, parece ser consenso de vários pensadores na área educacional, que a filosofia é norteadora de todo o processo educativo.

Filosofar [...] se impõe não como puro encanto, mas como espanto diante do mundo, diante das coisas, da História que precisa ser compreendida ao ser vivida no jogo em que, ao fazê-la somos por ela feitos e refeitos. O exercício de pensar o tempo, de pensar a técnica, de pensar o conhecimento enquanto se conhece, de pensar o quê das coisas, o para quê, o como, o em favor de quê, de quem, o contra quê, o contra quem são

exigências fundamentais de uma educação democrática à altura dos desafios do nosso tempo (FREIRE, 2000, p.102).

Morin (2003) ressalta a contribuição da filosofia para a formação do espírito crítico.

A filosofia deve contribuir eminentemente para o desenvolvimento de espírito problematizador. A filosofia é acima de tudo, uma força de interrogação e de reflexão, dirigida para os grandes problemas do conhecimento e da condição humana. A filosofia hoje, retraída em uma disciplina fechada em si mesma, deve retomar a missão que sempre foi sua – desde Aristóteles a Bergson e Husserl – sem, contudo abandonar as investigações que lhe são próprias (p. 23).

Tendo por base a afirmação de Montaigne de que “vale mais uma cabeça bem- feita que bem cheia”, compreendendo-se a “cabeça bem cheia” como “uma cabeça onde o saber é acumulado, empilhado e não dispõe de um princípio de seleção e organização que lhe dê sentido”, Morin (2003, p. 21) destaca que uma “cabeça bem feita” é a que dispõe ao mesmo tempo de “uma aptidão geral para colocar e tratar os problemas e de princípios organizadores que permitam ligar os saberes e lhes dar sentido”.

Assim, uma “cabeça bem-feita” é a que esteja apta a ligar novos e múltiplos conhecimentos, com responsabilidade de cidadania, com visão existencial, ética, cívica, democrática, com capacidade de ir além do que foi ensinado, de se auto questionar, de não se acomodar, que consiga relacionar as aprendizagens com o dia a dia, que critique que tenha dúvida, que duvide da própria dúvida, que crie de forma original e autônoma, que não permite preconceito e não permita coisificar. Morin (2003) considera que dificilmente uma “cabeça bem feita” poderá ser construída sem a ajuda da Filosofia.

Na visão de Morin (2003), para a Filosofia contribuir na construção de uma “cabeça bem-feita” deve:

Assumir sua vocação reflexiva sobre todos os aspectos do saber e dos conhecimentos, poderia, deveria convergir seus pontos de vista sobre a condição humana (p. 46);

Ter como um de seus pontos capitais, a reflexão sobre o conhecimento científico e não científico, e sobre o papel da tecnociência, maximizado em nossas sociedades (p.79);

Introduzir a problemática da racionalidade e a oposição entre racionalidade e racionalização (p. 79);

Promover a convergência das ciências naturais, das ciências humanas, da cultura das humanidades e da filosofia para a condição humana (p.46);

Fazer a convergência de diversos ensinamentos, mobilizar diversas ciências e disciplinas, para ensinar e enfrentar a incerteza (p.56).

Para tanto, conforme Morin (2003) se faz necessário desenvolver no ser humano o espírito problematizador, a interrogação e o diálogo, oferecer critérios filosóficos auxiliando no julgamento da realidade por meio do questionamento, da criatividade, na construção da autonomia de seu pensamento.

Uma educação para uma cabeça bem-feita, que acabe com a disjunção entre as culturas, daria capacidade para responder aos formidáveis desafios da globalidade e da complexidade na vida cotidiana, social, política, nacional e mundial. É imperiosamente necessário, restaurar a finalidade da cabeça bem-feita, nas condições e com os imperativos próprios de nossa época (MORIN, 2003, p. 33).

Assim, todo ser humano deveria ter clareza de suas referências filosóficas, seja no seu pensar, agir, viver, e principalmente que pudessem avaliá-las com criticidade e fazer suas próprias escolhas.

Caberia à filosofia cumprir a missão de contribuir para a formação da consciência da condição humana e o aprendizado da vida. É para o aprendizado da vida que o ensino da filosofia deve ser revitalizado. Então ele poderia fornecer o indispensável suporte dos dois produtos mais preciosos para a cultura: a racionalidade crítica e a autocrítica, que permitem, justamente, a auto-observação e a lucidez; e por outro lado, a fé incerta (MORIN, 2003, p.54)

Formação indica o processo de educação ou de civilização, que se expressa nas duas significações de *cultura*, entendida como educação e como sistema de valores simbólicos. O primeiro significado e mais antigo de cultura, significa a formação do ser humano, sua melhoria e seu refinamento. O segundo, indica o produto dessa formação, ou seja, o conjunto dos modos de viver e de pensar cultivados, civilizados, polidos, que também costumam ser indicados pelo nome de civilização (ABBAGNANO, 2000).

Freire (2001, p. 245) destaca o caráter permanente da formação. “Não existe formação momentânea, formação do começo, formação do fim de carreira. Nada disso. Formação é uma experiência permanente, que não para nunca”.

Considera Morin que a filosofia:

não é uma disciplina, mas uma força de interrogação e de reflexão dirigida não apenas aos conhecimentos e à condição humana, mas também aos grandes problemas da vida. Nesse sentido, o filósofo deveria estimular, em tudo a aptidão crítica e autocrítica, insubstituíveis fermentos da lucidez, e exortar à compreensão humana, tarefa fundamental da cultura (2003, p. 54).

Ainda para Morin (2003, p.59) “conhecer e pensar não é chegar a uma verdade absolutamente certa, mas dialogar com a incerteza.”.

Chauí (*apud* Lorieri e Rios, 2004, p. 29-30) afirma:

Eu imagino que a filosofia busca uma atitude precisa: perguntar. E perguntar não para encontrar imediatamente respostas. Perguntar para que respostas sejam dadas e voltar a fazer perguntas sobre as respostas que foram dadas. É nunca abrir mão da atitude crítica, sabendo que é uma atitude desgraçada, na medida em que não teremos nunca a vantagem de quem, em um navio, possui um mapa, uma bússola, todos os aparelhos eletrônicos, de tal modo que o piloto possa até mesmo dormir e o navio vá sozinho para o seu destino. A ideia de assumir até o fim um pensamento crítico é aceitar que navegamos sem mapa, sem bússola, no máximo com uma estrela, e que essa estrela seja: continuar perguntando.

Nesta perspectiva, a atitude crítica e de perguntar fazem parte da formação filosófica.

2.2. A filosofia no Ensino Médio

Mazai e Ribas (2001) explicam que o ensino de Filosofia chegou ao Brasil, no ano de 1553, com os Jesuítas, na Bahia. A filosofia estava limitada à reprodução de ideias, com estilo livresco, escolástico, doutrinal e marcada pela ideologia da Companhia de Jesus. Após a expulsão dos jesuítas, houve reforma na Universidade sendo difundidos os ideais da Enciclopédia, que traziam discursos críticos sobre a doutrina da igreja.

Ainda conforme os autores no final do século XVIII e início do XIX, o Positivismo teve grande expansão na educação brasileira, onde se buscava sair de uma cultura eclesiástica para uma científica. No início dos anos 20 foi fundada a Faculdade Livre de Filosofia e Letras, com orientação neotomista e católica (1908). O Decreto nº 11.530 estabelece a Filosofia como facultativa, aparecendo nos currículos de forma inexpressível. O Decreto 4.244, de 1942 dividiu o ensino secundário em ginásio e colegial, e este em científico (ensino das ciências), e o clássico (formação intelectual), que previa 4h semanais para Filosofia.

Essas reformas suscitaram mudanças na educação do Ensino Médio, mas, com o tempo, a carga horária da disciplina foi reduzida. A Lei nº 4024, de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1961, sugeriu a Filosofia como disciplina complementar e em 1964 a Filosofia foi retirada dos currículos no ensino secundário, por meio da lei nº 5692, de 1971. Pela Lei de Diretrizes e Bases 5692, de 1972 o ensino de Filosofia tornou-se facultativo, sendo a filosofia substituída pela disciplina Moral e Cívica e OSPB – Organização Social e Política do Brasil, com componentes doutrinários. O ensino profissionalizante, com conceitos tecnicistas é que recebe os maiores investimentos na educação.

Assim, nos anos 80 a disciplina filosofia retorna aos currículos do Ensino Médio, em caráter facultativo. Em 2000 o deputado Roque Zimmermann tentou aprovar um projeto com a obrigatoriedade da disciplina no currículo do Ensino Médio, mas foi vetado pelo presidente Fernando Henrique Cardoso (MAZAI; RIBAS, 2001).

Conforme Kohan et al (2004, p. 260) dois foram os argumentos que sustentaram o veto do presidente: a) “a inclusão das disciplinas de Filosofia e Sociologia implicaria incremento orçamentário impossível de ser arcado pelos Estados e municípios”; b) “não haveria suficientes professores formados para fazer frente às novas exigências da obrigatoriedade da disciplina”.

Os autores contra-argumentam afirmando que: a) “a inclusão das novas disciplinas não implica, necessariamente, aumento orçamentário, uma vez que o que está em jogo é um remanejamento da carga horária curricular e não seu aumento”; b) “existe um número significativo de pessoas já formadas e a presença disciplinar da filosofia na grade curricular tenderia a aumentar o interesse das pessoas e das instituições por uma formação adequada” (KOHAN et al, 2004, p. 260).

Nos debates nacionais e regionais sobre o retorno da Filosofia ao ensino médio, nos anos 80, conforme a professora Monteiro (2000), houve a participação de docentes do Departamento de Filosofia da UFPA, entre os quais Benedito Nunes. Explica a autora que a proposição apresentada por Benedito Nunes para o ensino de filosofia continha os seguintes critérios:

- **Propedêutico**, enquanto curso de iniciação filosófica, como levantamento de problemas, na tentativa de formulação das indagações precípuas a respeito dos diferentes temas abordados;

- **Interrogativo**, dando-se neste curso todo o seu peso à indagação como desenvolvimento de interrogações que mostrem a existência e a natureza dos problemas a desenvolver;
- **Dialógico**, encaminhando-se esse desenvolvimento interrogativo de maneira contraditória, com exposição clara das teses pertinentes, de maneira a levar o estudante a descobrir sua capacidade de interrogação e de formulação conceitual;
- **Textual**, unindo a apresentação dos temas, na perspectiva interrogante, à leitura de fontes básicas de tradição filosófica antiga, moderna ou contemporânea, sem prejuízo da escolha de motivações vividas, a partir das circunstâncias da vida cotidiana, das questões que afetam o grande público no plano do debate científico, artístico, ético e sociopolíticos;
- **Diversificado**, com programas que, variando tematicamente conforme as habilitações, tenham unidade conceptual e metodológica articulada num repertório básico, comum a essas habilitações;
- **Gradual**, o ensino de filosofia começando na 1ª série, pelo repertório ou programa básico, de que os programas especiais, na 2ª série, conforme as habilitações, constituem a ramificação (NUNES, 1986 apud MONTEIRO, 2000, p. 49-50).(Grifos do autor).

Ainda segundo a autora, no Pará, em consequência deste movimento do retorno da Filosofia ao ensino médio, foi assinado um convênio entre a Universidade Federal do Pará e a Secretaria Estadual de Educação, em 10 de dezembro de 1984, no qual a UFPA se compromete a prestar assessoria à Secretaria de Estado de Educação - SEDUC-PA, realizar cursos de formação, entre outras atividades. Assim, “o ensino de Filosofia foi reintroduzido nos colégios estaduais de ensino médio, em Belém, no primeiro semestre letivo de 1985” (MONTEIRO, 2000, p.51).

É importante destacar que o movimento em favor da inclusão da filosofia no ensino médio não se deu somente no âmbito interno do país. Documentos internacionais também recomendam o ensino da filosofia entre os quais “Recomendaciones sobre La Enseñanza de La Filosofía en Europa y Norteamérica”, texto elaborado em um encontro realizado em Milão - Itália, no período de 14 a 16 de fevereiro de 2001, pela UNESCO, que contem as seguintes recomendações:

- Fomentar a elaboração de políticas educativas que concedam um *status* autônomo e completo ao ensino de filosofia nos currículos da Educação Secundária e Superior;
- Reafirmar que a educação contribui na construção da autonomia dos indivíduos e repelir a redução do processo educativo a um ensino de técnicas instrumentais e competências;
- Reafirmar a importância crucial do ensino de filosofia para o pensamento crítico e atuar para sua consolidação;
- Evitar a aplicação de trabalho filosófico e práticas de avaliação e indicadores de efetividade que não são compatíveis com a especificidade, o sentido e a essência desta disciplina;
- Assegurar que a liberdade da cátedra seja plenamente respeitada no ensino da Filosofia, posto que a liberdade acadêmica é uma “ pré-condição necessária para garantir o correto cumprimento das funções recomendadas as pessoas e as instituições de Ensino

Superior”, tal como foi estabelecido pela UNESCO na sua “Recomendacion sobre el status del Personal Docente de la Educacion Superior” (2001).

A disciplina filosofia foi inclusa no currículo de forma obrigatória, em decorrência do Parecer CNE/CBE Nº 38/2006, aprovado em 07/06/2006 e da Lei 11.684 de 02/06/2008. Inserida no contexto das políticas dos Parâmetros Curriculares Nacionais, tem por objetivo formar cidadãos críticos.

O Inciso IV do Art. 36 da Lei 11.684, de 02 de junho de 2008 estabelece que “serão incluídas a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias em todas as séries do ensino médio”.

Kohan et al (2004) em relação ao ensino de filosofia no Ensino Médio, apresentam o seguinte quadro:

- A duração dos cursos de filosofia, na maioria dos Estados, é de um ano ao longo do ensino médio. Duas unidades da Federação, Distrito Federal e Mato Grosso do Sul, mantêm a filosofia como disciplina nos três anos de ensino médio, com carga horária de duas horas semanais. No Pará, a disciplina é oferecida em toda rede pública na 1ª série do ensino médio.
- Um dos pontos positivos é a participação de eventos comuns de professores e pesquisadores de todo país, relatando fatos e experiências do ensino de filosofia em suas localidades, o que constitui um grande avanço, em se tratando de um país com as dimensões continentais como o Brasil.
- Um dos inconvenientes é que os Estados que não oferecem a disciplina dificilmente abrem concursos para professores da área, abrindo prerrogativa para professores de outras áreas e disciplinas, que na maioria das vezes não estão preparados para trabalhar com filosofia. O resultado é que na prática o ensino filosófico não se efetiva. E mesmo nos Estados onde existe a presença da filosofia no currículo, a situação também não é a das melhores. Os concursos para contratação de professores de filosofia são raríssimos, entre os professores que ministram a disciplina, muitos não tem formação em filosofia, e com uma carga horária da filosofia baixa. E para completar, o vestibular, com o peso muito grande nas matérias tradicionais, acaba transformando a filosofia numa disciplina ornamental.
- Os temas mais presentes nos programas preparados pelos professores são: cultura geral; filosofia antiga (em especial, o surgimento da filosofia); ética; história da filosofia; teoria do conhecimento; e política. Centra-se em debates em torno de temas atuais, com o auxílio de referências filosóficas, o que ajuda a especificar o que se está entendendo por “cultura geral”.
- Os filósofos mais trabalhados pelos professores em seus programas de ensino são: Sócrates, Platão, Aristóteles, Descartes, Sartre, Kant e Marx. Não se faz referência à filósofos brasileiros ou mesmo latino-americanos.
- Os modelos de estruturação dos conteúdos são: (1) *Por temas*. Neste caso, predominam temáticas como: conhecimento, verdade, valores, cultura, ideologia, alienação, sexualidade, condição humana, finitude, liberdade, poder, política, justiça, arte, meios de comunicação; (2) *Por domínios ou campos filosóficos*. Aqui aparecem prioritariamente os campos já citados anteriormente, como cultura geral, filosofia antiga, ética, história da

filosofia, teoria do conhecimento e política; (3) *Por problemas*. Neste caso, os conteúdos são articulados em torno de problemas filosóficos, entre os quais o problema do ser, do conhecer, do agir, da ciência etc. (4) *Por critérios cronológicos*. O referencial passa a ser a história, sendo que predominam as filosofias antiga e moderna.

- Por fim, os autores destacam que o ensino de filosofia feito ainda é bastante tradicional, muito embora tenha avançado com relação a um ensino descontextualizado da história da filosofia, voltando-se mais para temas e problemas filosóficos. E que a “Filosofia para Crianças” de Matthew Lipman, tem contribuído para um ensino mais ativo de filosofia, incluindo em termos metodológicos, ou seja, um ensino mais dialógico, participativo e cooperativo.

Neste panorama da disciplina no ensino médio é importante destacar-se a ausência de referência a filósofos brasileiros e latino-americanos, que evidencia existir ainda no curso de filosofia uma tendência eurocêntrica.

Conforme Pechula (2003) a disciplina filosofia em face desta inconstância histórica enfrenta problemas em relação à construção de sua identidade e de seu papel no Ensino Médio. Além disso, os Parâmetros Curriculares Nacionais definem os conhecimentos de filosofia não como disciplina e sim como atributos de várias áreas de conhecimento, tendo por base a formação ética, política e para a cidadania. Com isso, acirra ainda mais a sua crise de identidade. Acrescenta o fato de que os Parâmetros Curriculares Nacionais têm o caráter tecnicista predominante na educação brasileira. A questão então que se coloca é: como elaborar uma formação crítico-reflexiva com um paradigma de educação tecnicista?

Pinheiro e Franklin (2010, p. 78) afirmam que:

Sem uma finalidade clara, a disciplina de Filosofia no ensino médio corre o risco de ser rebaixada à categoria de disciplina menor. E, como bem sabemos, disciplinas menores apenas cumprem o papel de complementar carga horária, não mais entra em voga seu papel formador por excelência.

Por isso, os autores buscam direcionar a Filosofia no ensino médio para um fim significativo, ou seja, “buscamos dar sentido à disciplina Filosofia na vivência mais imediata do jovem, pois devemos sempre considerar que nem todos os alunos estão interessados na Filosofia por ela mesma” (p.78). Inspirados nos princípios dos Direitos Humanos os autores propõem no ensino de Filosofia, uma maior ênfase “em princípios e conceitos universais, tais como, de tolerância, respeito, dignidade e comunidade humana, capazes de consolidar uma formação Ética e Moral do indivíduo” (p. 79).

Em seus estudos sobre a filosofia no ensino médio Rocha (2005, p. 65) apresenta algumas características deste ensino, que evidenciam a sua complexidade:

- a) Não existem programas oficiais definidos por Secretarias Estaduais de Ensino ou Coordenadorias de Educação Regionais ou Municipais;
- b) Quanto à escolha dos programas de ensino, predominam as decisões tomadas pela escola e, em última instância, pelo professor. Com isso, a unidade existente entre as aulas de filosofia das diversas escolas de uma mesma região, quando existe, está baseada na adoção dos mesmos livros didáticos;
- c) A inexistência de diretrizes e programas básicos de ensino permite que o professor de filosofia tenha, na maior parte dos casos, ampla liberdade de escolha de conteúdos, formas de abordagens, atividades didáticas, bibliografia, etc.;
- d) Constata-se, em algumas regiões mais do que outras, que as direções de escolas por vezes aceitam entregar as aulas de filosofia para professores não titulados na área [...]
- e) Verifica-se, em muitas escolas, o fato de que a aula de filosofia é vista pelos professores das demais disciplinas como um tempo que pode ser tomado emprestado no horário escolar; assim não é raro que o professor de filosofia ceda seu espaço para o colega que está com falta de carga horária para os conteúdos de sua disciplina.

Essas características evidenciam o quanto a disciplina no ensino médio vem sendo minimizada e secundarizada como campo de saber, bem como a necessidade dos professores de filosofia definirem melhor os seus objetivos educacionais e seu papel na formação dos jovens no seu processo de escolarização.

Maamari (2010) explica que a filosofia como disciplina volta aos currículos das escolas no Brasil com a finalidade de formar cidadãos, de aprimorar as faculdades intelectuais dos educandos e ensinar de modo crítico e reflexivo. Aponta, então, na formação do professor de filosofia no Ensino Médio três desafios:

- 1) “A formação de cidadãos, remete-nos ao problema de sabermos o que isto exatamente quer dizer” (p. 19). Isto significa que o professor precisa se definir por uma concepção de cidadania crítica e não alienadora.

[...] Na escola e na universidade, formando futuros professores de Filosofia, deve-se utilizar o conhecimento dos ordenamentos jurídicos do Estado, dos regimes políticos e das formas de governo, dos aspectos éticos que permeiam a relação entre sociedade civil e Estado, enfim, todos os temas que têm comumente integrado o domínio de conhecimento filosófico-político de conhecimento, com vistas à formação de um tipo de cidadão crítico e reflexivo que, ao mesmo tempo em que respeita as leis, sabe interpretá-las, criticá-las e aprimorá-las. Não podemos esperar a

obediência cega, mas a capacidade intelectual de aperfeiçoar as normas estabelecidas no contexto em que se insere este indivíduo tornado cidadão(MAAMARI, 2010, p. 24).

- 2) “Aperfeiçoar a capacidade intelectual ou as ferramentas cognitivas do educando” (p.25) é o segundo desafio.

Em se tratando de Filosofia, o exercício ou atitude filosófica permanente do professor à frente dos conteúdos ensináveis é de fundamental importância. Só se ensina Filosofia quem filosofa e coloca seus alunos em condição de filosofar. Tomando a atividade filosófica como essencialmente relativa ao pensamento, na formação de professores de Filosofia deve-se promover esta condição, caso contrário, este futuro professor não poderá fazer com seus alunos o que ele próprio não desenvolveu ao longo de sua formação (p. 25-26).

- 3) O terceiro desafio é de natureza didática. A autora vê sem sentido a manutenção de uma elitização e abstração no ensino de filosofia, ou seja, transformar o ensino de filosofia “de algo complexo e abstrato, em simples e fácil, permitindo assim a sua popularização” (p.27).

Não se trata aqui de defender que se faça um trabalho reducionista e banal das Filosofias consagradas. É precisamente por isso que esta atividade deve ocorrer no seio das universidades e sob responsabilidade dos especialistas, preferencialmente com os alunos envolvidos. Em outras palavras, cabe ao docente do ensino superior desenvolver e/ou supervisionar a elaboração de material de apoio, didático e paradidático voltado à educação básica (p. 27).

Desta forma, chama atenção a autora para a formação de um professor de Filosofia que tenha fundamentação teórica crítica, saiba problematizar a realidade e viabilize a aprendizagem aos educandos por meio de estratégias didáticas que facilitem a compreensão dos conteúdos filosóficos.

Caberia ao professor viabilizar a criação de um modo de pensar capaz de unir os conhecimentos, favorecer o senso de responsabilidade, de cidadania, ajudar a desenvolver o ser humano como questionador, um ser que cria saídas e não se conforma com modelos prontos e determinados, compreendendo que está sempre em formação.

O professor de filosofia teria um papel fundamental, não o de consumir as palavras dos filósofos, mas assumir o que Platão mencionou como condição indispensável a todo ensino: o *Eros*. O amor pelo conhecimento e pelos estudantes.

O professor precisa estar aberto, ser participante e dialógico, entender que não é dono da verdade e sim um orientador na busca das resoluções dos problemas que o mundo apresenta, possibilitando ao aluno filosofar sobre os problemas, ser um investigador e não lhes mostrar fórmulas prontas (MORIN, 2003).

Oliveira (2006) chama também a atenção para que no ensino de filosofia o professor estimule a reflexão filosófica relacionando dialeticamente com os conteúdos da história da filosofia.

Estudar a história da filosofia e da educação passa a ser importante para os educadores, na medida em que a história fornecerá elementos importantes para a atitude de reflexão do educador face aos problemas vivenciados na educação. Nessa relação dialética entre a compreensão do produzido historicamente e o refletido no contexto educacional atual é que o educador busca sentido e direciona a sua prática educativa (p.41).

Lorieri e Rios (2004, p. 25) destacam a importância de conhecer as teorias filosóficas juntamente com o ato de filosofar, porque assim pode-se verificar como as teorias “estão presentes no modo de pensar e de agir dos indivíduos e das sociedades no decorrer da história”. E para Aspís (2004) o exercício filosófico deve ser feito sobre os sistemas filosóficos que cita o seguinte argumento de Guillermo Obiols (2002):

[...] aprender a filosofar só pode ser feito estabelecendo um diálogo crítico com a filosofia. Do que resulta que se aprende a filosofar aprendendo a filosofia de um modo crítico, quer dizer, que o desenvolvimento dos talentos filosóficos de cada um se realiza pondo-os à prova na atividade de compreender e criticar com a maior seriedade a filosofia do passado ou do presente (*apud* ASPIS, 2004, p.307).

Neste sentido, o ato de filosofar e o produzido historicamente sobre o pensamento filosófico devem fazer parte do ensino de filosofia.

Aspís (2004, p. 310) também ressalta que o professor de filosofia deve ser filósofo, ou seja, “as aulas de filosofia são aulas de filosofar da mesma forma que ensinar filosofia é produção de filosofia [...] Assim se aprende a filosofia: fazendo e tendo um modelo de como se faz”.

Aponta então a autora como tarefas do docente de filosofia:

Ensinar a pensar filosoficamente, a organizar perguntas num problema filosófico, ler e escrever filosoficamente, a investigar e dialogar filosoficamente, avaliar filosoficamente, criar saídas filosóficas para o problema investigado. E vai ensinar tudo isso na prática. Na sua prática e

na prática dos alunos. Vai ensinar tudo isso sem dar fórmula a serem apenas reproduzidas (ASPIS, 2004, p. 310-311).

Nestas tarefas aparecem o *perguntar*, o *diálogo* e a *práxis* como categorias pedagógicas fundamentais.

Freire e Faundez (1985) explicam que a existência humana é feita por meio de perguntas, sendo o ato de perguntar a origem do conhecimento. Por isso, a necessidade da pergunta nas práticas de ensino.

Uma educação de perguntas é a única educação criativa e apta a estimular a capacidade humana de assombrar-se, de responder ao seu assombro e resolver seus verdadeiros problemas essenciais, existenciais. E o próprio conhecimento (FREIRE, 1985, p. 52).

Para Oliveira (2000, p. 45) “o ato de perguntar numa dimensão pedagógica tem de estar relacionado ao existir humano e à realidade social dos sujeitos educativos, para sua compreensão e transformação”. Ainda segundo a autora (2003, p. 55-56):

Na visão de Freire, a consciência crítica torna-se um processo *libertador*, pois exercitando a *práxis* (reflexão-ação), os seres humanos se descobrem como pessoas, e desse modo, o mundo, os homens e as mulheres, a cultura e o trabalho assumem o seu verdadeiro significado. [...] Pelo exercício da *práxis*, homens e mulheres se descobrem situadas no mundo, como seres produtores da cultura e sujeitos da história.

Considera Freire (1980, p. 69) que “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”.

Assim, segundo De Fáveri (2006, p. 185), que trabalha com os pressupostos educacionais de Paulo Freire, no ensino da filosofia, “o filósofo comprometido com a mudança no pensar e no agir não legitima sua fala com base nas verdades genéricas universais, mas no pensamento e ação transformadores”.

Aspis (2004) considera que as aulas de filosofia se constituam em experiências filosóficas (espaço de criação) e o professor um orientador (e provocador), que põe à disposição dos educandos os instrumentos para encontrar saídas aos problemas levantados em sala, por meio do estudo filosófico.

As aulas de filosofia como lugar de experiência filosófica são lugar de estudo e produção filosóficos. Nelas a cada dia surge o novo, pois são espaço de criação. Sendo, assim é movimento de provocação: provoca-se o surgimento de pensamento original, provoca-se a busca de

compreensão, provoca-se a checagem do que se chamou de meu e de eu até então, provoca-se a imaginação do que poderia ser e do que não está. É o professor o responsável pelo nascimento deste espaço onde acontece esse jogo. Neste sentido o professor é um provocador (ASPIS, 2004, p. 315).

Nesta perspectiva, o professor-filósofo tem de ser criador de estratégias pedagógicas para o exercício da autonomia dos sujeitos envolvidos.

Gallo (2013, p. 44-45) afirma que:

Ensinar filosofia é um exercício de apelo à diversidade, ao perspectivismo que anunciava Nietzsche; é um exercício de acesso a questões fundamentais para a existência humana; é um exercício de abertura ao risco, de busca da criatividade, de um pensamento sempre fresco; é um exercício da pergunta e da desconfiança da resposta fácil. Quem não estiver disposto a tais exercícios, dificilmente encontrará prazer e êxito na aventura que é ensinar filosofia, e também aprender filosofia.

Explica ainda o autor que o ensino de filosofia no ensino médio é mais que um processo de transmissão de conteúdos, consiste em um convite ao pensamento próprio, a um convite ao pensar. Neste sentido, o aprender a filosofia é o aprendizado do próprio exercício do filosofar.

Lorieri (2011, p.3) explica que a investigação filosófica provoca o pensamento reflexivo e crítico.

Reflexão exige parada para pensar. Parada que se opõe ao imediatismo tão presente nos dias atuais e que traz danos os mais diversos. Parar para pensar: na verdade, parar para pensar bem. Pensar de forma reflexiva e crítica. A criticidade é qualidade do bem pensar que diz respeito ao exame rigoroso dos achados, que diz respeito a se colocar os achados em crise (daí a palavra crítica), ou seja, em dúvida, até que se obtenham razões suficientes para torná-los saberes mais garantidos por bons argumentos.

Para Gallo (2013, p. 93) “nas aulas de filosofia, cada aluno e todos os alunos precisam ser fazer a experiência de lidar com a filosofia. É por isso que essa aula deve ser como um *laboratório*, lugar de experimentação, ou como disse antes, uma oficina, lugar de atividade prática”. Espaço em que os alunos sejam ativos, produtores e criadores.

Tendo por base o pensamento filosófico de Deleuze e Gattari, Gallo (2013) considera que a tarefa da filosofia é produzir conceitos, o qual é criado a partir de problemas. O conceito seria uma forma racional de equacionar um problema, não sendo abstrato nem transcendente e sim imanente porque se baseia em problemas experimentados.

Pechula (2003) no debate sobre o papel da filosofia no Ensino Médio no Brasil apresenta de forma complementar o pensamento de Gallo e de Severino. Para o primeiro a tarefa da filosofia é a criação de conceitos e para Severino levar o aluno à reflexão, exercitando o pensamento crítico e apreendendo o sentido das coisas. Na visão da autora, ao final da reflexão o educando é capaz de criar conceitos. Desta forma, a criação de conceitos não eliminaria a ação de reflexão, sendo ambos constitutivos da filosofia. Isto significa que a formação crítica e a criação de conceitos são fundamentais no ensino de filosofia.

Gallo (2013) propõe quatro momentos para o ensino da filosofia: sensibilização, problematização, investigação e conceituação. A sensibilização seria a fase da chamada de atenção para o tema de estudo, fazendo com que o tema afete aos estudantes, desperte interesse por determinados problemas; na problematização o objetivo é transformar o tema em problema, consiste em estimular o desejo de buscar soluções para os problemas estudados; na investigação o estudante vai buscar instrumentos teóricos para pensar sobre o problema e encontrar soluções, neste caso, recorre à história da filosofia; na conceituação recriam-se os conceitos encontrados para equacionar o problema.

Pechula (2003) destaca que Severino na discussão sobre a filosofia no Ensino Médio também afirma a necessidade da “sensibilidade fina”, do aluno ser despertado e cativado para o ensino da filosofia, tendo a mesma uma função formativa, porque auxilia ao educando compreender de forma crítica o sentido de sua existência no mundo.

Assim, o ensino de filosofia consiste em uma formação crítica, possibilitando aos alunos terem uma postura ativa, criativa e crítica.

3. A FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO: AS FALAS DOS PROFESSORES E ALUNOS

3.1. As falas dos Professores sobre a filosofia no ensino médio

3.1.1. Escolha do Curso de Filosofia

A escolha pelo curso de filosofia foi realizada pelos professores pesquisados pelas seguintes razões: a capacidade de pensar conceitos, ou como defende Deleuze de criar novos conceitos; pela visão complexa que a filosofia proporciona ao profissional de filosofia; em virtude da ampliação do mercado com a obrigatoriedade da disciplina nas três séries do ensino médio (Sócrates) e pela curiosidade e interesse em conhecer a história da humanidade a partir de suas origens (Sophia).

Desta forma, os motivos de interesse pelo curso perpassam pela situação econômica, com a possibilidade de emprego, ao ampliar o mercado de trabalho, mas os aspectos específicos do campo filosófico foram os predominantes na escolha do curso.

Além disso, quando o Professor faz referência à construção de conceitos com base em Deleuze, indica que o docente está atualizado em relação ao debate atual, no Ensino Médio, no Brasil, sobre o papel do ensino da filosofia como produção de conceitos, defendido por professor Sílvio Gallo.

Estou convencido de que o que faz com que a filosofia seja filosofia e não outra coisa qualquer é o trato com o conceito, como apontaram Deleuze e Guattari em *O que é a filosofia?* Obra publicada na França em 1991 e traduzida no Brasil em 1992 (GALLO, 2013, p.54).

Esse olhar mais acadêmico em relação ao curso de filosofia do que econômico é revelado também pelos professores quando afirmam gostarem de lecionar a disciplina filosofia no Ensino Médio.

Gosto de lecionar filosofia no ensino médio, penso que a disciplina é importante para o ensino médio, principalmente porque permite ao estudante ter uma visão mais embasada e ampla da realidade, isto é, pensar a sociedade discursivamente e despertar no jovem o espírito questionador (Sócrates).

Me sinto bem a vontade e interessada em poder difundir os valores do conhecimento da história da humanidade (Sophia).

O professor destaca na formação do educando o despertar no jovem o espírito questionador, compreendendo ser tarefa da filosofia despertar o questionamento crítico do educando.

Para Lorieri e Rios (2004, p. 29):

O gesto que caracteriza a reflexão filosófica é o de *perguntar*. E que tipo de perguntas são as filosóficas? Pode-se afirmar que os conteúdos específicos da filosofia são as questões fundamentais que todo ser humano se coloca durante sua vida. Elas são comuns a todas as pessoas. As reflexões críticas, profundas, metódicas e abrangentes sobre essas questões geram respostas que não são definitivas; entretanto servem aos seres humanos como referências para suas vidas. Todos nós nos colocamos tais questões e procuramos respostas para elas.

Desta forma, o ato de perguntar faz parte do processo de reflexão crítica filosófica.

3.1.2. Formação

Quanto à formação inicial e o preparo do docente para os desafios da prática em sala de aula, o professor destacou que do ponto de vista dos conteúdos do curso e do estágio supervisionado há um bom preparo, mas com relação ao universo docente em sala de aula não, porque não há uma academia que os torne totalmente capacitados para tal atividade.

Esse despreparo por parte das instituições de ensino superior tem por causa o fato de na academia existir:

Uma formação técnica do professor, mas a experiência em sala de aula no cotidiano é outra coisa, alunos que foram alfabetizados de forma precária, turmas superlotadas, violência, falta de estrutura nas escolas, entre outros fatores, que é preciso ser muito insistente para continuar (Sócrates).

A formação inicial viabiliza a base teórica, mas os desafios da educação na prática, atualmente, dependem da ampliação da formação do profissional sobre a sua visão de mundo (Sophia). Isto significa que a formação inicial trata mais de questões teóricas e que a prática requer do professor experiência e ampliação de sua visão de mundo.

Quanto as necessidades formativas dos professores de filosofia, não são vistas pelos professores grandes dificuldades.

Não vejo grandes dificuldades na formação dos professores de filosofia o que penso é justamente que não dá para fazer milagre só com pincel e

quadro branco, isso quando tem o pincel. Por mais que o professor seja compromissado e tenha uma boa formação acadêmica é complicado trabalhar num ambiente adverso a aquisição de conhecimento, seja em que disciplina for, salas com pouca ventilação, sem recursos e o pouco que dispõe a escola é disputado pelos professores (Sócrates).

A professora apresenta 04 necessidades na formação do professor de filosofia: “1º no mínimo mestrado em filosofia, 2º conhecimento do Plano Nacional de Educação, 3º recursos didáticos: livros, periódicos etc. 4º participação em eventos sobre o conhecimento em geral” (Sophia).

Essas necessidades se enquadram em 03 fatores: na ampliação do nível de formação do docente com a realização do curso de mestrado e a participação em eventos; o conhecimento de legislação no campo da educação e melhores condições de trabalho docente em termos de recursos pedagógicos.

Os dois docentes apontam a necessidade de terem recursos didáticos e condições de trabalho para realizarem o ensino de filosofia com qualidade. Além disso, consideram que o professor de filosofia deve ter conhecimentos de: “conteúdo, leitura de mundo, saber fazer uso da mídia digital e estar informado dos eventos da sociedade” (Sophia). Deve dominar conceitualmente os autores para ter conhecimento específico sobre a disciplina, entretanto é preciso saber lidar e contextualizar esse conhecimento, no intuito de possibilitar ao discente uma forma crítica de pensar a realidade (Sócrates).

Apontam assim os professores que os docentes de filosofia precisam ter domínio teórico do conhecimento filosófico, saber fazer uma leitura de mundo e estar atualizado em termos da tecnologia e de conhecimentos gerais.

Quanto ao preparo dos professores para ensinar filosofia os docentes pesquisados responderam de forma divergente:

Defendo que o preparo há, o que não há é condições para isso, estrutura didática e pedagógica nas escolas, técnicos para auxiliar o trabalho dos educadores, isto é, estamos imersos num mundo tecnológico e ainda temos que ficar limitados apenas ao quadro e ao pincel. Não é o caso de ficarmos presos a tecnologia, mas é preciso utilizar outros recursos sair da rotina da aula tradicional, isso cansa o discente e o docente e a tecnologia é uma boa aliada, pois, por mais inovador, compromissado e competente que o professor seja, como já mencionei, não dar para fazer milagres (Sócrates).

Com qualidade não, reproduzimos muito o conteúdo (Sophia).

Assim, o professor Sócrates defende que há preparação, o que falta é condições de trabalho, ressaltando o quanto está distante a escola dos avanços

tecnológicos, e a professora Sophia afirma que não há preparação com qualidade, considerando que a prática docente é de reprodução do conteúdo.

Os dois docentes chamam atenção para duas situações preocupantes e que estão interligadas: a primeira, a falta de condições em termos de recursos pedagógicos para o desenvolvimento do ensino de filosofia, que contribui para a manutenção de uma prática conteudista. Apesar de o professor ter destacado como função da filosofia a construção de conceitos, que implica superação da prática tradicional, a professora menciona existir na escola esta prática.

Maamari (2010) em relação ao ensino da filosofia no Ensino Médio destaca duas questões em relação à formação do professor: o fato do professor em sua formação inicial no curso de filosofia ter contato com docentes que apenas reproduzem o conteúdo da filosofia sem interagir com o cotidiano de suas vidas e de não ser estimulado a desenvolver o seu próprio pensar.

A autora então questiona em relação ao professor: “como é que poderia ser capaz de ensinar os outros a pensarem, quando ele próprio não fez e ainda não faz isso?” (MAAMARI, 2010, p. 19).

Em consequência, o professor no ensino médio termina por transmitir aulas predominantemente expositivas orais sobre as obras e ideias de filósofos de diferentes momentos históricos.

Destaca Sócrates que a disciplina filosofia é importante porque ajuda no desenvolvimento de certas competências e habilidades no aluno do ensino médio, mas que não vai fazer milagre na educação brasileira. Isto significa que o docente reconhece a importância da disciplina, mas que pela falta de recursos provavelmente não consiga ter êxito em seu ensino. Explica ainda ser importante:

Melhorar a formação do profissional que vai atuar no ensino médio, até por que não há uma cultura nas faculdades de filosofia de formar profissionais para essa modalidade de ensino, mas só isso não é suficiente ninguém sai totalmente capacitado para lecionar a disciplina ou qualquer outra disciplina. Como observa o professor Silvo Gallo: 'Não adianta nos dizerem como é, como se faz ou nos encherem de milhares de horas de estágios de observação da sala de aula, isso tudo é importante, na justa medida, mas nada disso nos prepara em absoluto para os desafios da sala de aula'.

O professor traz para debate uma questão fundamental, que a formação inicial é sempre parcial, incompleta, nunca acabada, necessitando o docente, por conseguinte, continuar em seus estudos por meio da formação continuada. Este

processo de permanente formação tem a ver com a situação de inconclusão do ser humano e com o processo histórico de produção e socialização do conhecimento.

Entre nós, mulheres e homens, a inconclusão se sabe como tal. Mais ainda, a inconclusão que se reconhece a si mesma implica necessariamente a inserção do sujeito inacabado num permanente processo social de busca. Histórico-sócio-culturais, mulheres e homens nos tornamos seres em que a curiosidade, ultrapassando os limites que lhe são peculiares no domínio vital, se torna fundante da produção do conhecimento (FREIRE, 1996, p. 55).

O professor na formação inicial adquire geralmente bases teóricas suficientes, mas precisa se formar constantemente, tendo como base a reflexão sobre a prática.

Freire (1996, p. 39) explica que:

Na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática.

Neste sentido, há necessidade de ser revista à formação inicial dos professores do ensino médio bem como ser incentivada a formação permanente, na medida em que somos seres aprendentes, tendo por base a reflexão contínua sobre a prática.

3.1.3. Significado e importância da Filosofia no Ensino Médio para a criticidade do educando

Na visão dos entrevistados a importância da Filosofia no Ensino Médio é “poder contribuir para a formação humana dos alunos” (Sophia) e

possibilitar ao estudante determinadas competências a uma forma conceitual de pensar os problemas referentes ao conhecimento científico, político, social, estético, ou seja, discutir de forma fundamentada questões que fazem parte do cotidiano da nossa sociedade (Sócrates).

O sentido do ensino de Filosofia é para Sophia “despertar a visão sobre o valor do conhecimento para a vida” e para Sócrates “possibilitar ao discente uma forma discursiva de pensar problemas, sejam eles científicos, políticos, sociais e éticos”.

Desta forma, há a compreensão por parte dos professores de que a filosofia tem um caráter de formação humanista bem como de instrumentalizar por meio de determinadas competências o aluno para debater de forma crítica questões do cotidiano social.

Segundo Favaretto (1993, p.81) o pensamento crítico não provém:

da simples discussão, ou da confrontação de posições contrárias, ou da doação de soluções pelo professor. A crítica pode ser avaliada pela capacidade dos alunos em formular questões e objeções de maneira organizada, estruturada (rigorosa).

A relevância do ensino da filosofia no desenvolvimento da criticidade do aluno é lógica para os professores, embora esta não seja vista como uma ação só da filosofia. Entretanto, para o professor mais do que qualquer outra disciplina é tarefa da filosofia “colocar em crise determinadas formas cristalizadas de opiniões e preconceitos acerca da realidade social, científica e política” (Sócrates) e na visão da professora “o ensino da filosofia deve preservar sua finalidade: saber fazer a leitura do mundo” (Sophia).

Nesta perspectiva a filosofia é vista pelos professores com a função crítica de desvelar os discursos ideológicos e possibilitar uma leitura reflexiva sobre o mundo.

Paulo Freire define a criticidade como “a capacidade do ser humano de não apenas reagir aos fatos, mas de poder refletir a respeito deles antes de reagir” (VASCONCELOS; BRITO, 2009, p. 66).

O ensino de Filosofia, então, auxilia o jovem na descoberta de sua direção frente ao mundo que está aí para ser desvelado por ele (Sócrates).

Sophia ressalta que quando é tratada a aula de filosofia neste nível, ou seja, de criticidade, a aula se torna proveitosa. O aluno gosta do diferente, do que deve ser desvelado; o ser humano em si é curioso, por isso, o papel da disciplina filosofia é o questionamento da realidade política e social.

Para Sophia o ensino de Filosofia oferece condições para uma aprendizagem mais significativa a partir dos questionamentos e expectativas dos discentes, mas que falta muitas vezes são recursos pedagógicos que a aprendizagem atual exige. Estamos na era do áudio visual, o que torna também o ensino criativo e dinâmico.

Desta maneira, Sócrates compreende que o ensino de filosofia pode ser melhorado com o uso de recursos tecnológicos, como o áudio visual, sendo importante ter como ponto de partida os questionamentos dos educandos.

O filósofo questiona tudo aquilo que ouve, vê ou lê. Preocupa-se com questões que dizem respeito ao ser humano e também procura conhecer as coisas “como elas são de verdade”, ou seja, ele busca, em todas as áreas possíveis do conhecimento, uma possibilidade de fundamentar uma verdade, que pode até mesmo ser a refutação, a negação, de uma outra verdade anterior (ROSA, 2007, p.25).

O ensino crítico da filosofia é visto também pelos professores como objetivo de contribuir a formação cidadã do aluno, “fazer com que ele desenvolva o seu papel social e individual e de compreender, como propõe Deleuze, o devir da realidade” (Sócrates).

Lins (1978, p. 1239) em seus estudos sobre a pedagogia rizomática de Deleuze explica sobre o devir que:

Há no devir pedagógico um movimento de pura arte, pura criação. Não se trata de fazer igual, copiar, imitar. “Devir nunca é imitar”, diz Deleuze. Aqui há problema, logo matéria a ser pensada. O devir é também da ordem do paradoxo: não se pode prever, nem calcular; o devir é imprevisível, é o não-prescrito. A lógica linear cede lugar ao acontecimento.

Ao se referir ao devir de Deleuze, Sócrates indica compreender o ensino de filosofia na perspectiva de criação.

3.1.4. A prática docente

a) O significado de ser docente

O significado de ser docente de filosofia para o Sócrates é tentar quebrar paradigmas, pois a disciplina tem três anos no ensino médio como obrigatória e ainda sofre resistências tanto de professores quanto dos estudantes. Considera ser preciso consolidar a disciplina e “para isso é necessário ensiná-la de modo significativa, ou seja, apresentar um bom trabalho apesar de toda a adversidade das escolas e da resistência à disciplina”(Sócrates). Para Sophia “é um grande privilégio, oportunidade para se entender o mundo e compartilhar com as pessoas”.

O Sócrates se vê com uma função relevante, trabalhar para a disciplina ser reconhecida pela comunidade escolar, considerando a sua instabilidade no ensino médio ea professora, como a oportunidade de compreender melhor o mundo.

O professor em sua fala tem consciência do pouco reconhecimento da filosofia no ensino médio e do seu papel em buscar reverter essa situação.

Rocha (2005, p. 65 – 66) afirma que a filosofia é vista pelos professores das outras áreas de conhecimento, no ensino médio, “como uma disciplina pouco comprometida com os conteúdos obrigatórios e por isso tem o seu tempo curricular predado pelos colegas”. A filosofia, para esses professores, é vista como um espaço de debates sobre coisas como “sexo, drogas & videoteipes”.

Ressalta ainda a autora que os professores de filosofia precisam ser capazes de justificar e explicar a presença da disciplina na escola, não para eles mesmos, e sim para os colegas de currículo. Precisa ser apontado como o trabalho da disciplina filosofia se articula com os demais, o que pressupõe apresentar o que lhe é específico, inclusive em que consiste a formação crítica.

A professora entrevistada considera ser a filosofia “sempre um assunto muito atraente” (Sophia). Entretanto, precisa ser tratado no Brasil, não a partir de conceitos já estruturados, e sim da visão da cada brasileiro. Isto significa que a filosofia precisa ser pensada no contexto social brasileiro.

b) Planejamento

No Planejamento do ensino da disciplina filosofia o professor leva em consideração os PCNs que afirmam a importância em desenvolver no estudante habilidades e competências como a leitura de texto filosófico, ler de forma filosófica texto de outras estruturas e registros, elaborar por escrito o que foi apropriado de modo reflexivo, debater, se posicionar com argumentos tomando uma posição, defendendo-a e mudar de posição em face de argumentos mais conscientes. “Além dos PCNs tento adequar essa proposta ao planejamento da escola a faixa etária dos alunos e a série”(Sócrates).

A professora explica que planeja quando ocorre a semana pedagógica. Informa que nem sempre tem reuniões de planejamento, mas neste, leva em consideração “o recurso que a escola disponibiliza: biblioteca, recursos didáticos (data show), jornal liberal (projeto na escola); filmes, documentários referentes ao ensino de filosofia” (Sophia).

Observamos que somente o professor leva em conta os conteúdos dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs no seu planejamento e busca adequá-los à faixa etária e série dos alunos. Já a professora destaca que nem sempre há reuniões de planejamento, que não deixa de ser uma situação preocupante, e está mais interessada em selecionar os recursos didáticos disponíveis.

Nenhum dos dois professores informou sobre como os conteúdos são planejados nem os objetivos do planejamento.

a) Estratégias Metodológicas e Recursos Didáticos

A estratégia metodológica utilizada pelo professor consiste na exposição oral.

O método expositivo de aula, devido o pouco recurso que dispomos, utilizo o método socrático. O mesmo corresponde a uma abordagem direcionada para a formação de ideias e de conceitos firmados em perguntas, de modo que consiga atrair o aluno para o pensamento filosófico, e assim proporcionar uma aprendizagem satisfatória (Sócrates).

A Sophia, diferente de Sócrates usa uma diversidade de estratégias metodológicas. Utiliza a leitura de um poema ou uma mensagem referente à literatura, realiza atividades em grupo e individual na sala de aula e às vezes, conversa com os alunos sobre temas diversos.

Os recursos pedagógicos utilizados na maior parte do tempo pelo professor são o pincel e o quadro branco, pois, segundo ele, é o “que dispomos em sala de aula, em raras situações (quando há disponibilidade)” (P1) e a professora utiliza outros recursos como as mídias digitais; data show, jornal liberal, livros, biblioteca, etc.

Entretanto, os dois docentes utilizam muito o quadro transcrevendo os conteúdos, pois os estudantes não possuem livro de filosofia e a biblioteca não dispõe de acervo bibliográfico para todos, além de reclamarem que o livro é muito grande. O livro em questão é Iniciação à Filosofia de Marilena Chaui da editora Ática.

As metodologias utilizadas pelos professores para convidar os alunos à prática da reflexão são:

Primeiramente o diálogo. Em segundo lugar torná-los participantes da aprendizagem, usando os recursos necessários para aula. Em terceiro lugar expondo suas atividades na classe ou nas dependências da escola (Sócrates).

Pensarmos então a Filosofia como uma atividade criativa, isso significa que trabalhar a disciplina não pode ser apenas transmitir conhecimentos e informações. Se a filosofia é atividade de criação, é necessário instigar a curiosidade ou como defende Aristóteles é necessário o espanto, a admiração, a curiosidade com a realidade dada, convidar a pensar filosoficamente e pensar filosoficamente significa pensar através de conceitos (Sophia).

A professora utiliza como estratégia o diálogo, a participação dos alunos no processo ensino-aprendizagem e a realização de amostras e seminários no âmbito da escola para divulgar os trabalhos dos educandos. O professor cita ser necessário no ensino de filosofia o desenvolvimento de atividades criativas, estimulando a curiosidade dos educandos, menciona de Deleuze a criação de conceitos, mas não explica, na prática, como realiza as atividades criativas nem de construção de conceitos.

As falas dos dois docentes apontam para a compreensão do ensino de filosofia em uma perspectiva democrática, participativa e criativa, visando à autonomia dos educandos.

Aspis (2004, p. 309) afirma que:

O justo é educar para oferecer condições para o educando conquistar pensamento autônomo. O pensamento que conhece suas razões, que escolhe seus critérios, que é responsável, consciente de seus procedimentos e consequências e aberto a se corrigir. Pensamento criativo, capaz de rir de si mesmo, buscador de compreensão, sempre atento ao seu tamanho justo. Esse pensamento não se permite obediência à regra inquestionável do consumo automático, infundado e sem fim. Esse pensamento não se permite tornar-se ação baseada nos critérios da indústria. Ele não se permite o preconceito, não se permite coisificar. É de alguma forma, uma ferramenta de libertar-se.

b) Conteúdos da disciplina

O professor afirma trabalhar com os diversos conteúdos da disciplina “que compreendem a filosofia da ciência, ética, filosofia política, filosofia da arte, conhecimento científico, ciência antiga, moral; linguagem; política e arte”(Sócrates). E a professora em relação ao conteúdo trabalha com o conhecimento científico, a ciência antiga, ética e moral; linguagem; política e arte.

Observamos que há proximidade entre os dois professores em termos dos conteúdos da filosofia que trabalham em sala de aula.

Quanto à questão se trabalha o conteúdo da história da filosofia ou o ato de filosofar? O professor explicou que:

A filosofia é trabalhada de forma histórica e temática, pois é preciso dar ao aluno a visão histórica da estruturação do conhecimento filosófico da observação, da percepção de transformações ocorridas a partir da sua própria interferência em situações sociais, o melhor caminho historicamente possível para a organização da vida em sociedade. Entretanto é de suma importância propiciar ao adolescente o instrumental básico à elaboração de uma reflexão sobre o mundo, e sobre si mesmo no

mundo, de forma a possibilitar-lhe a conquista de uma autonomia crescente no seu pensar e agir (Sócrates).

A professora mencionou que trabalha “com os dois, ensinado o conteúdo e orientando-os a refletirem sobre o mesmo e relacionando-os com a realidade atual” (Sophia).

Mais uma vez o professor referencia teoricamente a necessidade do ensino da história da filosofia assim como do filosofar, entretanto, não explica como efetiva em suas aulas o ensino do conteúdo histórico da filosofia e o desenvolvimento do pensar do educando.

Aspis (2004, p. 307-308) explica que Gallo e Kohan se posicionam de forma dialética sobre a questão da filosofia ou do ato de filosofar.

[...] “A própria prática da filosofia leva consigo o seu produto e não é possível fazer filosofia sem filosofar, nem filosofar sem filosofia [...] porque a filosofia não é um sistema acabado nem o filosofar apenas a investigação dos princípios universais propostos pelos filósofos” (Gallo & Kohan, 2000, p.184). Com o que concordamos. Não se trata de consumir as palavras dos filósofos como se consome uma fórmula matemática. Deve-se ler filosofia como se lê poesia, revivendo-a: ressuscitando-a, encarnando-a, emocionando-se com ela, reinventando-a.

Quanto às competências que devem ser trabalhadas pelos professores durante a aula de filosofia no ensino médio, o professor acredita que o docente de Filosofia deve auxiliar o aluno a:

Aprender e fixar a leitura interpretativa de textos teóricos; aprender conceitos, saber relacioná-los entre si e aplicá-los em sua realidade; reconhecer-se como ser produtor de cultura e, portanto, da história; compreender o papel da reflexão, em especial, o da filosófica (P1).

A professora destaca como competências “a escrita, a fala, as relações humanas e os valores” (Sophia).

Os professores afirmam desenvolver a criticidade dos seus estudantes, sendo as estratégias do professor, por meio de questões dos problemas analisados através da leitura dos textos. Desenvolve o debate e a visão críticas sobre os elementos culturais tecnológicos presentes na sociedade, como um recurso para mediar a formação interdisciplinar do estudante e da professora “levando-o a perceber o que ocorre no mundo em que vive” (Sophia).

Os professores acreditam que é importante desenvolver o senso crítico no estudante no intuito de contribuir tanto para a sua formação cidadã, como compreenda que o conhecimento serve para melhorar a vida.

Considera Freire (2000, p. 42) que “a leitura crítica do mundo é um que-fazer pedagógico-político indicotomizável do que-fazer político-pedagógico, isto é, da ação política que envolve a organização dos grupos e das classes populares para intervir na reinvenção da sociedade”.

O professor tenta desempenhar seu trabalho da melhor forma possível, explica que: “utilizo todas as ferramentas que posso lançar mão, cometo minhas falhas, mas todo profissional comete as suas, o que não dá é para responsabilizar o professor por todas as mazelas na educação, é preciso olhar a educação na sua complexidade” (Sócrates).

A professora acredita que o docente precisa rever sua prática urgentemente, por que: “a nova realidade do mundo em que vivemos exige isso. É a primeira prática a ser inserida é o diálogo” (Sophia).

Em suas práticas pedagógicas os professores pesquisados buscam desenvolver o interesse dos educandos pelo pensamento filosófico. Para o professor “faz parte da responsabilidade do professor (a), ajudá-lo a pensar questões que dizem respeito à vida do discente, isto é, auxiliá-lo pensar de forma filosófica, discursiva é papel do professor de filosofia” (Sócrates). Já a professora explica que “tento bastante, apesar de o aluno hoje estar mais direcionado para estudar e assimilar o conteúdo para lhe servir (de) e garantir a seleção de diversas instituições ofertadas pelo MEC – Ministério da Educação e Cultura” (Sophia).

Os professores tentam levar os estudantes a compreenderem a relevância da filosofia a elaborarem suas próprias questões. Acredita o professor que não dá para pensar uma aula de filosofia sem propor questões, se não ela se torna mera decoreba, vazia na cabeça do aluno ou apenas mais um conteúdo que o aluno memoriza faz a prova e esquece logo após. Assim, além de propor questões, considera que o papel da filosofia é fazer o aluno pensar conceitualmente e verificar nestas questões quais as possibilidades de mudança ou possíveis soluções. Os docentes também sempre tentam fazê-los perceberem a relevância de elaborarem suas próprias questões e conforme a professora “muitas vezes os estudantes se manifestam, nisto os estudantes são criativos e gostam” (Sócrates).

No que se refere a questões ideológicas – políticas, o professor afirmou que:

As questões ideológicas são tratadas de forma aprofundada, pois o papel da filosofia é justamente tratar das questões ideológicas como questões discursivas. É importante o aluno compreender como a verdade é construída na ciência, na sociedade, no âmbito do estado e principalmente na escola que é o espaço no qual o estudante está inserido (Sócrates).

A professora diferentemente explicou que: “ensina na 2ª série. As discussões sobre a política ainda são feitas com as teorias nas concepções antigas e medievais. Pensa que não pode ainda fazer uma discussão amplamente atual” (Sócrates).

Porque a professora não consegue fazer um debate político atual? Algumas temáticas do cotidiano social dos jovens educandos apresentam fortes componentes ideológicos que poderia ser trabalhado em sala, como por exemplo, a sociedade de consumo.

O professor destaca ser significativo que o aluno compreenda que os conteúdos que são desenvolvidos em sala fazem parte da sua realidade e de como o conhecimento filosófico está ligado a outros saberes, mas não explica como faz este intercâmbio entre os saberes.

Aspis (2004, p. 309-310) destaca que:

As inquietações dos jovens pela busca de compreensão, de significado e valor da realidade são genuínas e precisam de respeito para serem de alguma forma apaziguadas pelas respostas complexas encontradas, por mais provisórias que sejam. Portanto, tudo deve partir das questões dos alunos. Não há razão para pensarmos ensino de filosofia se não for da filosofia viva e vivificante que pode ser construída a partir das aflições tão humanas, do estranhamento e incômodo com a ordem vigente da vida como ela se nos aparece. A filosofia surge como tentativa de elaboração de saídas para problemas concretos, por meio da criação de seus conceitos. As questões filosóficas são universais, são humanas.

c) Avaliação da aprendizagem dos educandos

A avaliação da aprendizagem dos educandos conforme o professor “é contínua e processual” (Sócrates). Os alunos são avaliados pela frequência e participação nas atividades de classe extra e classe e por meio de provas bimestrais.

A professora avalia pela participação e interesse dos educandos, pela escrita e fala (participação na exposição de conteúdos e informações).

Essa forma de avaliar dos professores é importante porque não fica restrita aos conteúdos assimilados, considerando o interesse, a participação, a frequência, entre outros fatores na avaliação da aprendizagem dos educandos.

d) Os desafios dos professores no ensino da filosofia

Os desafios dos professores no ensino de filosofia apontados pelos entrevistados foram:

O principal é consolidar a disciplina primeiramente, mas isso só será feito com trabalho significativo por parte dos professores, e melhoria das condições de trabalho nas escolas (Sócrates).

São muitos: falta de recursos didáticos suficientes na escola: laboratório de informática; salas de áudio visual. Salas de aulas barulhentas. Salas de aulas quentes (ventilação insuficiente). Uso das mídias eletrônicas incontroladas na sala de aula pelos alunos. Falta de inspetores na escola para atender a demanda dos alunos. Pouco interesse dos jovens pelas leituras de textos. E outros desafios (Sophia).

Enquanto o professor destaca o desafio de consolidar a disciplina no contexto do ensino médio, a professora traz vários desafios, que perpassam pelos recursos didáticos, o ambiente da sala de aula, o administrativo e o pouco interesse dos alunos pela leitura de textos.

Em relação ao uso do texto filosófico, Guido (2010, p. 74) destaca que:

O uso do texto filosófico é indispensável, porque é ele que proporciona o contato entre o presente e as suas estruturas culturais. Além disso, o uso do texto elucida as diferentes tarefas que foram atribuídas à filosofia, pois se o saber da verdade é algo que não é corrompido pelo tempo, a aproximação na direção deste saber é feita com recorrência às várias representações da verdade que o passado guarda. O texto filosófico deve ser o estímulo para as atividades docente e discente, servindo de base para a determinação da tarefa da filosofia no momento real vivido.

Entretanto, Favaretto (1993, p. 80-81) chama atenção ao fato de que:

Uma leitura não é filosófica porque os textos são filosóficos; pode-se ler textos filosóficos sem filosofar e ler textos artísticos, políticos, jornalísticos, etc. filosoficamente. A leitura filosófica não se esgota na simples aplicações de metodologias de leitura; ela é um “exercício de escuta” (no sentido psicanalítico). O texto fala a partir da relação que se estabelece com ele: o que há nele, a linguagem nele articulada, não se manifesta senão quando a leitura funciona como elaboração, desdobrando os pressupostos e subtendidos do texto. Esse exercício (de paciência) permite que o leitor se transforme na leitura, pois interfere nos modos habituais da recepção. A leitura como compreensão (e interpretação) é

uma atividade produtiva que “reconstrói um imaginário oculto, sob a literalidade do texto”.

Assim, a fala da professora evidencia que no cotidiano da escola existem fatores intervenientes no ensino da filosofia, que precisam ser considerados no trato da filosofia no ensino médio, como é o caso da leitura dos textos.

3.2. As falas dos Estudantes sobre a filosofia no ensino médio

As análises das cartas dos estudantes foram feitas buscando identificar o sentido da filosofia na sua vida pessoal, familiar e social.

3.2.1. A filosofia na vida pessoal

Todos os 47 estudantes entrevistados responderam existir a relação da filosofia em suas vidas pessoais. Para 43 deles a filosofia traz sentido para as suas vidas pessoais, por diversos fatores, trazendo em suas falas a compreensão do significado antropológico, ético e político da filosofia. Entretanto, tiveram alunos que destacaram algumas razões do não-significado da filosofia em suas vidas, apesar de terem informado existir relação entre a filosofia e a vida pessoal dos educandos.

Entre os que apontaram ter significado para a vida pessoal organizamos os argumentos dos estudantes em temáticas filosóficas, apesar de algumas falas expressarem mais de uma das temáticas aqui estruturadas.

a) Formadora do ser humano como ser autônomo e de busca do conhecimento

A filosofia exerce grande influência na vida do ser humano, ajudando-o a compreender melhor o mundo e a entender melhor sentimento, pensamentos e atitudes do ser humano.

A filosofia tem grande influencia na vida do ser humano. Na minha vida, ajuda a entender e me relacionar com os outros, seja na vida pessoal, familiar e social; a partir das aulas de filosofia, obtive conhecimento de coisas importantes, que certamente irão me ajudar no futuro. Através da filosofia passo de certa forma, compreender melhor o mundo, entender melhor sentimentos pensamentos e atitudes do ser humano. Graças a isso, foi possível uma melhor convivência na sociedade (E1F).

A educanda 15 também destacou que a filosofia possibilita a visão sobre a importância da vida e da humanidade; explica que tudo tem um propósito e viabiliza aos estudantes ver o mundo dos pensadores. Desperta o saber sobre política e todas as áreas de conhecimento; ajuda nas escolhas e fazer análises criteriosas e trás o sentido de como agir e respeitar a si mesmo.

A matéria de filosofia é importante por que ajuda a entender o valor da vida, por que a gente existe, mostra como podemos entender essas coisas, como nos comportar na sociedade podemos saber um pouco sobre os principais pensadores como: Sócrates, Maquiavel entre outros. A Filosofia mostra também que tudo tem um propósito. A filosofia para mim é de grande importância, nela eu posso ver o mundo dos pensadores como eles colocavam uma ideia mostrando seus pensamentos a favor ou contra, dando sua opinião sobre aquele assunto. Até hoje seus pensamentos estão vivos como suas famosas frases, ditados... A Filosofia é tudo para humanidade (E15M).

A Estudante 3 considera ter a filosofia presente no cotidiano de sua vida e tem ainda a percepção de que a filosofia está em todos os lugares.

Ela significa grande parte do meu dia a dia, pode ser numa volta num museu ou em uma igreja com suas antiguidades. Podemos perceber que a filosofia está em quase todos os lugares, até no esmalte, como antigamente diziam que a Cleópatra usava somente uma cor que ninguém poderia usar para mim isto é filosofia na vida pessoal (E3F).

Explica a educanda 19 que a filosofia é mais do que matéria escolar porque faz as pessoas enxergarem além do óbvio, instigando a busca de novos conhecimentos e parar para pensar sobre as coisas. Destaca, ainda, que a filosofia ajuda a conviver com a diferença, buscando ser melhor como ser humano.

Filosofia palavra pequena, porem abrangente "o mundo." Filosofia não é só mais uma matéria escolar, é algo que abre nossos olhos, abre nossa cabeça, faz a gente enxergar além do simples, além do obvio, faz a gente querer saber, parar para pensar. Sua importância pode até não parecer, mas tem um significado imenso na nossa vida pessoal, pois ela nos ajuda a conviver com nossas próprias diferenças e fazer com que nos consigamos passar por cima delas e faz com que a gente busque o nosso melhor a cada dia que passa faz com que enxergamos além daquilo que queremos para que possamos crescer e evoluir cada vez mais não só nos contentarmos com pouco (E19F).

A filosofia na visão da Estudante 18 possibilita ao ser humano fazer escolhas, elaborar análise criteriosa e ter dúvidas, que o faz buscar respostas coerentes, atitudes que contribuem para a formação da personalidade.

Contribui para minha vida pessoal em diversos fatores importantíssimo, que vão desde escolhas até uma determinada análise criteriosa e repleta de

duvidas que possuem uma grande sede por respostas coerentes que iriam determinar a minha personalidade em um futuro não muito distante(E18M).
 Aranha e Martins na apresentação de seu livro (2002, p.s/n) afirmam que:
 O estudo de filosofia é essencial porque não se pode pensar em nenhum homem que não seja solicitado a refletir e agir. Isso significa que todo homem tem (ou deveria ter) uma concepção de mundo, uma linha de conduta moral e política, e deveria atuar no sentido de manter ou modificar as maneiras de pensar e agir do seu tempo. A filosofia oferece condições teóricas para a superação da *consciência ingênua* e o desenvolvimento da *consciência crítica*, pela qual a experiência vivida é transformada em *experiência compreendida*, isto é, em um saber a respeito dessa experiência (Grifos dos autores).

Nesta perspectiva, como *experiência compreendida*, a filosofia adquire um caráter formativo, não só é uma atividade humana, como faz parte de sua formação como ser humano.

Ainda, segundo as autoras, “a filosofia é a possibilidade da *transcendência* humana, ou seja, a capacidade que só o homem tem de superar a situação dada e não escolhida. Pela transcendência, o homem surge como ser de projeto, capaz de liberdade e de construir seu destino” (ARANHA; MARTINS, 2002, p. 75).

Caballero (1972) diz que a filosofia é a ciência mais humana e também a mais humanizante.

b) Inquiridora, Reflexiva e Explicativa

A filosofia possibilita ao indivíduo refletir sobre tudo que há, traz paz interior que permite questionamentos e reflexões, bem como a necessidade de saber mais e adquirir novos conhecimentos, visando entender melhor o mundo.

Estudar filosofia me fez refletir sobre tudo que há como era a vida no passado como os filósofos indagavam as coisas. Na vida pessoal ela me traz uma paz interior, calma me faz pensar refletir, questionar, contestar o porquê de cada coisa, faz com que eu tenha a necessidade de querer saber mais, adquirir novos conhecimentos e com isso entender um pouco melhor o mundo em que vivo (E2F).

Gallo (2003, p. 15) explica que:

O filósofo procura desvendar o saber. Não um saber pronto e acabado, mas um saber que experiência o não saber, que faz o movimento da ignorância ao saber. Aquele que busca conhecer alguma coisa, que está sempre à procura de respostas e da constante superação dessas respostas, pois, sempre que chegamos a uma resposta, ela nos desperta para inúmeras outras perguntas. Por isso, definimos anteriormente a pergunta filosófica como uma pergunta/problema.

A importância da filosofia é destacada pela estudante 5 para o pensamento racional, por permitir ver o sentido da vida, por meio da razão busca explicar o porquê das coisas e do ser humano estar no mundo.

É importante para nos pensarmos racionalmente, ver o sentido da vida, saber a dívida de viver, mas o bom mesmo é a racionalidade, tudo usa a nossa razão, perguntar indagar o porquê das coisas, o porquê de estarmos aqui. Eu amo filosofia e é muito interessante estudá-la(E5F).

Rios (1993, p. 17) explica que: “a filosofia procurará apropriar-se da realidade para ir além da explicação, da descrição, para buscar o sentido (na dupla acepção e direção e de significado) dessa realidade”.

O ensino de filosofia segundo o Estudante 12 possibilitou um olhar crítico sobre a sociedade e de outros temas, a expor sua visão de mundo e a perceber o que acontece de forma diferente na sociedade. Considera a filosofia difícil, mas afirmou que tem afeição por coisas difíceis.

A filosofia me deu um olhar mais crítico da sociedade e de outros temas, me ajudou a apresentar meu ponto de vista, a perceber as coisas que acontecem ao meu redor de uma forma diferente. É um pouco difícil, mas como tudo na vida não é fácil e tenho certa afeição por coisas difíceis (E12M).

O Estudante 16 também considerou que a filosofia o tornou mais crítico, instigando-o a perguntar sobre o porquê das coisas e a conhecer ao outro e a si mesma, bem como saber sobre política.

Na minha vida a filosofia me ajudou a pensar de modo diferente, me tornou um ser crítico, me fez perguntar o porquê das coisas, conhecer as pessoas e refletir quem elas são e até mesmo conhecer a mim mesmo. A filosofia me ajudou a ser crítico e pensar sobre como esta a situação atual de onde vivo, a saber, mais sobre política e todas as outras áreas da minha vida(E16M).

Rosa (2007, p. 26 e 28) destaca o caráter questionador e crítico da filosofia. Para este autor, “Filosofar é deixar-se levar pelas dúvidas mais intrigante que ocupam, em algum momento, a cabeça do ser humano. Poderíamos tentar resumir o ato de filosofar em três movimentos cognitivos: reflexão, crítica e refundamentação” (criação). A reflexão levará o ser humano “a momentos de curiosidade intensa, em que as dúvidas e os problemas filosóficos instigam para a busca de respostas cada vez melhores”.

c) Ética e política

Para a Educanda 20 a filosofia ajuda a formar o caráter e a personalidade das pessoas, bem como o senso de distinguir entre o certo e o errado favorecendo as relações entre as pessoas. Viabiliza também ao estudante ter autonomia no pensamento e nas possibilidades de escolhas, não sendo um sujeito alienado.

A filosofia me ajuda a construir, caráter, personalidade, senso discernir entre o certo e o errado, o bem e o mal, o meu ponto de vista em relação a outras pessoas. Mas ajuda a não ser uma pessoa alienada a mídia e afins. A filosofia não vai te prender a nada, ela te dá varias possibilidades você é quem vai escolher(E20F).

A filosofia é compreendida como importante para o pensar e o agir das pessoas, ou seja, a terem consciência política dos seus direitos, bem como aponta o sentido ético do agir humano, com respeito aos outros e a si mesmo.

A filosofia é um dos assuntos que trás ao aluno uma grande ajuda no seu modo de pensar, de agir, e mostra ao individuo como sua opinião tem importância para a sociedade, mostra que devemos correr atrás dos nossos direitos e etc. A filosofia trás para a vida pessoal do ser humano o sentido de como agir, respeitar a si mesmo. Como agir nesse meio que e tão ignorante em alguns aspectos, ensina também como se comunicar através das palavras que tem um grande poder (uma palavra não bem dita pode machucar) (E20M).

A filosofia é compreendida como importante para o pensar e o agir das pessoas, ou seja, a terem consciência política dos seus direitos, bem como aponta o sentido ético do agir humano, com respeito aos outros e a si mesmo.

A filosofia é um dos assuntos que trás ao aluno uma grande ajuda no seu modo de pensar, de agir, e mostra ao individuo como sua opinião tem importância para a sociedade, mostra que devemos correr atrás dos nossos direitos e etc. A filosofia trás para a vida pessoal do ser humano o sentido de como agir, respeitar a si mesmo. Como agir nesse meio que e tão ignorante em alguns aspectos, ensina também como se comunicar através das palavras que tem um grande poder (uma palavra não bem dita pode machucar)(E20M).

Rios (1993) afirma que “a ética se apresenta como uma reflexão crítica sobre a moralidade, sobre a dimensão moral do comportamento do homem. Cabe a ela, enquanto investigação que se dá no interior da filosofia, procurar ver – como afirmei antes – claro, fundo e largo os valores, problematizá-los, buscar sua consistência”.

Entre os argumentos contrários à importância da filosofia na vida pessoal dos educandos estão os de inutilidade e de dificuldade de entendimento da disciplina.

a) Inutilidade da filosofia

Poucos foram os estudantes que consideraram a filosofia com pouca utilidade.

Pouco útil, pois fala sobre algumas coisas do dia a dia. Não é muito utilizada, mas atua (E14F).

No momento a filosofia não ajudou em nada até agora, mas eu acredito que no futuro pode ajudar. A filosofia ajuda a ver o mundo de outra forma com outro contexto(E12F).

Na minha vida pessoal acho que não me ajudou muito, por que não faço prática da aula, eu acho que ajudaria só no futuro quando não depender mais de ninguém (E17M).

Questionando sobre a utilidade da filosofia, Chauí (1994, p. 18) afirma:

Se abandonar a ingenuidade e os preconceitos do senso comum for útil; se não se deixar guiar pela submissão às ideias dominantes e aos poderes estabelecidos for útil; se buscar compreender a significação do mundo, da cultura, da história for útil; se conhecer o sentido das criações humanas nas artes, nas ciências e na política for útil; se dar a cada um de nós e à nossa sociedade os meios para serem conscientes de si e de suas ações numa prática que deseja a liberdade e a felicidade para todos for útil; então podemos dizer que a Filosofia é o mais útil de todos os saberes de que os seres humanos são capazes.

Os argumentos dos estudantes se situam no momento presente, apontando que no futuro poderá ter alguma utilidade, que não deixa de ser contraditório, porque em suas falas fica subtendido que compreendem a importância da filosofia para o existir humano.

b) Dificuldade no entendimento da disciplina

A estudante 26 explica que não consegue entender a matéria e o sentido da filosofia, afirmando ser a disciplina prejudicial a ela, pelo não entendimento, mas percebe-se em sua escrita, que se identificou com a disciplina em alguns momentos e a coloca em prática, pelos questionamentos e buscas de interpretações e respostas.

Eu sempre senti muita dificuldade de entender essa matéria, ela me complica um pouco me faz ficar com dúvidas e muitas perguntas surgem em minha cabeça através dessa matéria, seria injusto da minha parte eu dizer que ela tem me ajudado em algumas áreas da minha vida, tudo tem um sentido filosófico, mas eu não enxergo por ter certamente dificuldade, mas tudo quanto eu poder fazer para entender faço. Quando apresentaram essa matéria em minha vida, percebi que tudo era filosofia, que a filosofia rodeava as áreas mais importantes da nossa vida e minha vida social era como o “mito da caverna” eu me identifique bastante, pois eu vivia numa

caverna, mas quando eu tentei sair, voltei, por que a luz do sol ofuscava meus olhos, e hoje não sei o que tem o mundo lá fora, não vou dizer que me sinto bem vivendo presa, mas eu aprendo um pouquinho aqui e ali e assim vou vivendo... Cheguei ao ponto de tentar aplicar um pouco desse conhecimento na minha vida, mesmo sendo tudo um pouco confuso para mim, cheguei ao ponto de parar de tentar entender, por que o que aprendo gosto de aplicar na minha vida, mas como essa matéria foi um pouco diferente, mas eu tento buscar conhecer, mesmo sendo um pouco prejudicial para mim, por que tudo se torna confuso, varias perguntas surgem... as respostas, onde buscar se eu não tenho o conhecimento, nem mesmo o entendimento de tudo, sei que mesmo sem perceber e entender eu pratico e vivo a filosofia na minha vida, mas não sei dizer nem quando nem onde, pois não entendo...(E26F).

Consideramos que os estudantes conseguiram expressar em suas respostas o entendimento sobre a especificidade da filosofia como campo de conhecimento, apesar de alguns momentos não esclarecem com detalhes. Observamos também, que apesar das dificuldades apontadas pelos professores, como a falta de recursos didáticos, eles têm contribuindo para que a Filosofia cumpra com seu papel na formação crítica, bem como proporcionam aos estudantes um gostar da Filosofia que parecia não ser o fato no início da pesquisa o que para nós é muito gratificante.

3.2.2. A filosofia na vida familiar

Em relação à vida familiar das 47 cartas, somente 32 estudantes responderam, sendo 19 femininos e 13 masculinos. A maioria (26) dos estudantes acredita que a filosofia ajuda nas relações entre seus familiares e 06 são de opinião contrária.

Todos os estudantes que relacionaram a filosofia com a família expressaram sobre o tema em uma abordagem de caráter ético, envolvendo boas relações interpessoais, o respeito às diferenças, o trato com os valores, a obediência, a honestidade, entre outros.

A filosofia é vista como fonte de saberes para melhor entendimento e respeito entre os membros da família, alerta sobre o modo de convivência com os outros e ajuda a ter boas relações e saber respeitar as diferenças.

Na família fazer com que cada aceite e respeite o outro independente de cor raça, sexo, e fazer as pessoas verem que isso é apenas um "logotipo" e o que importa é o caráter, o que a pessoa é além de sua aparência e é isto que é a filosofia é mais do que só uma palavra ou uma matéria ela é a vida pessoal, com a família a sociedade e tudo em apenas em uma palavra é tudo em uma só matéria(E19F).

A educanda 20 afirma que a filosofia contribui para as discussões sobre os valores e deveres entre os integrantes da família, possibilitando o conhecimento sobre a própria família, em que base filosófica está estruturada, bem como permite entender determinadas atitudes dos familiares.

Na minha família a filosofia me mostra os valores, os meus deveres, o papel que eu devo tomar na minha família, me ajuda a me relacionar com os membros da minha família. A filosofia vai mostrar em que base a família foi construída e qual a filosofia de vida determinada família segue. Me explica determinadas atitudes que os membros de minha família tomam, me faz entender o por quê daquilo (E20F).

Destacam as estudantes 21 e 24 e o discente 18 a importância da filosofia em termos de atitudes éticas, como a obediência, o respeito, a honestidade, a construção do caráter dos membros da família e ser responsável.

A filosofia em relação à família obtive muitas coisas como a questão da ética, em relação à obediência o respeito e a honestidade isso eu comecei a botar em prática(E21F).

Na vida familiar a filosofia contribui em vários aspectos, pois a família e a base de tudo e com a filosofia aprendemos a ter moral que nos ajudar a respeitar os nossos familiares e com o respeito à ética viver entre família torna-se agradável ter moral e ética e ter caráter, a moral e ética estudamos em filosofia e o caráter é a família quem constrói, por isto a vida familiar e a filosofia andam juntos (E24F).

Na minha família a filosofia me mostra através de sua análise criteriosa e objetiva determinadas escolhas importantes que me ajudariam muito no meu futuro deixando-me uma pessoa responsável para uma vida profissional e pessoal, ser mais responsável com as normas estabelecidas pela minha família em nosso lar e ser uma boa pessoa em determinado meio social(E18M).

Gallo (2003, p. 54) questiona:

Os seres humanos agem conscientemente, e cada um de nós é senhor de sua própria vida. Mas como resolvemos o que fazer? Você em algum momento já pensou em como você toma as decisões sobre o que fazer em determinada situação? [...] A filosofia pode nos ajudar a pensar sobre nossa própria vida. Chama-se *ética* a parte da filosofia que se dedica a pensar as ações humanas e os seus fundamentos.

Houve seis estudantes que consideraram que a filosofia não ajuda na família. Acreditam que não tem muita importância, pois não falam sobre as aulas em casa, a filosofia não faz muita diferença na família, sendo em casa onde menos se usa ou pouco se pratica a filosofia.

Até agora não ajudou na minha vida familiar (E11F).

A filosofia não faz muita diferença, a família tem suas próprias regras suas próprias normas(E12F).

Acho que não me ajudou na vida familiar eu acho que não influencia muito por que é a família que me educou e fui criado com esses costumes sendo assim não faria diferença às aulas de Filosofia na família (E17M).

É pouco praticada, passo um pouco disto para minha vida poucas práticas como respeito ao pai e mãe e familiares em geral (E14F).

É contraditório os estudantes indicarem ser importante a filosofia para a sua vida pessoal e não encontrarem presença na vida familiar. E os que mencionaram essa relação se detiveram em aspectos éticos.

3.2.3. A filosofia na vida social

Na vida social das 47 cartas, houve 29 respostas por parte dos estudantes, sendo 17 femininos e 12 masculinos.

Quase todos os estudantes (27) consideram que a filosofia é importante na vida social, porque contribui para suas relações na sociedade por meio de reflexões, influi nos comportamentos, em como se comunicar, ajuda na formação crítica, e no respeito às regras estabelecidas.

Dois estudantes consideraram que a filosofia não mudou, nem ajudou as suas vidas sociais.

a) A importância da Filosofia na vida social.

Na vida social a filosofia é considerada pelos estudantes como super importante, dela surgiu a moral e a ética, e os direitos e deveres devem ser seguidos e favorecem a vida em um ambiente organizado.

É complexo, temos direitos e deveres e temos que segui-los para que possamos viver em um ambiente organizado. Na vida social a filosofia é super importante, pois foi dela que surgiu a moral e a ética. Nossos direitos e deveres, como devemos nos comportar na sociedade, num grupo como todo, dela vem o caráter do ser humano. Para mim ela é fundamental nessa área, não que não seja nas demais, mais aqui ela tem um papel interligado com tudo (E2F).

A filosofia nesta perspectiva contribui para o desenvolvimento da consciência moral e política, para que se possa viver de forma organizada na sociedade.

b) Contribuição na maneira que os estudantes devem se comportar diante das regras estabelecidas.

A filosofia na visão dos discentes 3, 4 e 20 possibilita a capacidade de discernir para fazer a coisa certa diante das regras estabelecidas. Cumprir as regras, visando ações corretas. Identificar o sentido de agir, se organizar e mostrar as ideias perante as regras no meio social.

Na vida social seguimos regras impostas pela sociedade vivemos em uma sociedade que impõe regras que temos que seguir, assim temos a noção de fazer as coisas certas(E3M).

A filosofia traz no meio social o sentido de agir, por que o meio social tem regras que cada um deve seguir, e assim cada um se organiza no meio com todas as regras (conforme sua opinião é claro, devemos sempre mostrar nas ideias) (E20M).

Percebo que temos um modelo de vida composto pela sociedade, visando o que é ou não correto, que devemos seguir regras(E4F).

Para a educanda 22 a filosofia possibilita adquirir comportamento e expressão de opiniões com cuidado de não denegrir a sociedade.

Como vivemos num meio social onde temos a maior estrutura para aprender mais sobre filosofia na sociedade e como devemos nos comportar e como devemos expressar nossas opiniões sem ser necessário degradar a sociedade com nossas palavras não bem pensadas(E22F).

Ter consciência dos seus atos, criação de regras justas sobre a história da humanidade é o que pensa o estudante 9 sobre a filosofia na vida social.

Em vários aspectos, suas regras são seguidas por vários anos sobre a história da humanidade, o mundo vive em filosofia e ao redor dela. Proporciona leis mais justas, atitudes mais certas, pessoas com consciência sobre seus atos, bom nem todos, mas boa parte pensa justo e certo (E9M).

Considera a educanda 7 importante que as pessoas saibam quem são, conhecer seus direitos e deveres e o sentido da vida.

É importante para as pessoas saberem que elas são saber seus deveres e direitos na sociedade. É saber o sentido de nossa vida e a importância do universo (E7M).

Os estudantes expressam a importância da filosofia no desenvolvimento de atitudes autônomas, lógicas, morais e políticas perante as normas sociais, buscando pensar certo e agir corretamente diante das injustiças sociais.

c) Formação Crítica

Nesta questão percebe-se a contribuição da Filosofia para construção de um pensar e agir por meio de análise, permitindo aos estudantes a capacidade de criticidade e formação de opinião.

Para a estudante 21 a filosofia contribuiu para formação de uma consciência moral, bem como um olhar crítico da sociedade.

Obtive consciência moral, o meu olhar crítico perante a nossa sociedade(E21F).

A filosofia proporciona a capacidade de análise de tudo antes das tomadas de decisão e da formação de opiniões, segundo a estudante 20.

*A filosofia me ensina na sociedade a não ser uma pessoa hipócrita, que aceita tudo que me impõem, **mas sim uma pessoa crítica**, que analisa tudo antes de tomar certa decisão ou partido de algo como formar uma opinião(E 20F).(Grifonosso).*

Destaca a estudante 24 que a filosofia viabiliza, o olhar crítico sobre a sociedade na busca da verdade, o que faz com que o educando tenha consciência dos seus atos.

*Na vida social o estudo da filosofia nos faz ter **um olhar crítico** sobre a sociedade buscando sempre a verdade de tudo e com isto nos faz ter ciência e consciência de nossos atos(E24F).(Grifo nosso).*

A criticidade está presente de forma significativa nas falas dos estudantes, o que indica que os professores têm trabalhado a reflexão crítica como especificidade da filosofia. E essa criticidade está associada à busca da verdade a atitudes éticas e políticas perante a sociedade. Entretanto, não aparece vinculada ao ato de perguntar e nem à dúvida.

Gadotti (1981, p. 17) define a dúvida como “um ato de liberdade e de responsabilidade pelo qual o homem empunha, retoma a situação na qual vive, colocando-se como sujeito dela”.

d) Reflexões sobre a sociedade

A filosofia é considerada como uma das disciplinas mais importante para a reflexão sobre a sociedade, possibilitando protestar contra injustiças.

A filosofia é indispensável, pois ela nos faz refletir a até mesmo protestar contra coisas injustas. A filosofia é uma das mais importantes disciplinas para entender e refletir sobre a sociedade em que vivemos(E10M).

Para a estudante 16, a filosofia ajudou na reflexão sobre as pessoas.

Ela me ajudou a conhecer mais as outras pessoas refletir sobre como elas são, saber se elas são verdadeiras de coração ou falsas (E16M).

Há por parte dos discentes a consciência de que a filosofia é uma ação de reflexão, e que no contexto social ela é fundamental. E como explica Chauí (1994, p.14 e 15):

Reflexão significa movimento de volta sobre si mesmo ou movimento de retorno a si mesmo. A reflexão é o movimento pelo qual o pensamento volta-se para si mesmo, interrogando-se a si mesmo [...] a reflexão filosófica também se volta para essas relações que mantemos com a realidade circundante, para o que dizemos e para as ações que realizamos nessas relações [...] já a reflexão filosófica indaga: Por quê? O quê? Para quê? dirigindo-se ao pensamento, aos seres humanos no ato de reflexão. São perguntas sobre a **capacidade** e a **finalidade humanas** para **conhecer** e **agir** (Grifos da autora).

e) Respeito ao outro, as diferenças e formação cidadã.

A filosofia proporciona o respeito à escolha e opinião do outro, a compreensão com o próximo e o entendimento do papel de cada um na sociedade.

Faz bem para nos sabermos a respeitar a opinião ou escolha de outro; a sermos mais compreensivos com o próximo e também entender nosso papel na sociedade(E5F).

Agir com ética, respeitar as diferenças conviver bem com todos em sociedade, inclusive com os amigos e nas aulas é o que pensam a educanda 8 e o educando 13 sobre a filosofia.

Saber respeitar as diferenças ter boa convivência com as pessoas da sociedade e com a filosofia eu posso agir com ética e verdade (E8F)

Me ajudou a conviver com meus amigos e nas aulas (E13M).

O estudante 12 afirma que o ensino de filosofia o “ajudou a ser um ótimo cidadão” (E12M).

A ética está fortemente presente nas falas dos estudantes nos diversos campos de sua vida: pessoal, familiar e social, o que evidencia ser um tema

relevante a ser debatido e aprofundado no ensino médio, face aos significados atribuídos à filosofia pelos próprios educandos.

Casali (2000, p.07) afirma que a ética “existe como uma referência para os seres humanos em sociedade, de modo tal que a sociedade possa se tornar cada vez mais humana”.

f) Compreensão e explicação do mundo.

A filosofia tem a tarefa de compreender os fatos da sociedade e o surgimento do mundo e das coisas.

A filosofia envolve a ciência, história, medicina etc. tudo que ocorre na sociedade a filosofia tenta explicar, os acontecimentos agindo com a razão a filosofia nos ajuda a compreender os fatos da sociedade desde os tempos mais antigos, a filosofia existe a anos e a anos se começou a fazer as primeiras perguntas do mundo de onde surgiu o mundo e as coisas? E então a filosofia começou a existir daí, com várias perguntas, muitas delas respondidas através da ciência então dizem que a filosofia é o pai das explicações a filosofia veio com criações mitológicas e etc.(E25F)

Na visão da estudante 8 a filosofia faz com que ela possa interpretar o mundo e a sociedade e encontrar sentido para a vida.

Faz eu interpretar o mundo e a sociedade em que nos vivemos tentar encontrar o sentido da vida e o conhecimento que ela pode nos trazer(E8M).

Lorieri (2011, p.7) explica sobre a relação da filosofia com a vida que:

[...] precisamos das informações, mas precisamos saber articulá-las para construir entendimentos, explicações e significados. Para tanto há necessidade do trabalho do pensamento. Um trabalho que demanda certas qualidades: a reflexão, a criticidade que inclui a problematização, o rigor, a profundidade, a contextualização. A Filosofia nos ajuda nesta direção e é o grande espaço de construção, de preferência coletivo, dos significados fundamentais para nossas vidas.

g) Conhecer a si mesmo e outras culturas e pessoas

A filosofia contribui para conhecer o próprio comportamento as culturas e de onde viemos.

Ajuda no conhecimento de qualquer coisa que tenha a ver com a nossa vida, ajudou principalmente na sociedade por que adquiri mais conhecimentos sobre meu comportamento, as nossas culturas e de onde viemos (E17M).

Compreende a estudante 12 a filosofia ajuda a entender a vida, as pessoas, a ter mais conhecimento e saber lidar com a sociedade.

Para entender mais a coisa da vida, entender mais as pessoas, ter mais conhecimento, como lidar com a sociedade(E12F).

h) Escolhas do pensar, falar e se comunicar.

Afirma a estudante 18 que a filosofia está na sociedade por meio da imaginação nas escolhas dos pensamentos.

Esta na sociedade através da imaginação, as escolhas principalmente no pensamento. As grandes referências na sociedade são as teorias de Aristóteles, que foi o criador da lógica como instrumento de conhecimento em qualquer campo do saber. Aristóteles afirma que antes de um conhecimento constitui seus objetivos seu próprio campo, precisa primeiro conhecer os princípios que governam o pensamento. A filosofia tem referência em imagem que vemos no nosso dia a dia uma grande referência é o intelectualismo(E18F).

A filosofia possibilita o pensamento, o falar, as experiências, o conhecimento de ver e querer saber de tudo.

Os pensamentos o falar, as experiências e principalmente o meio de se comunicar com alguém, também sentidos da filosofia, o conhecimento de ver e querer saber disso ou aquilo.(E15F)

i) Desconhecimento da Filosofia

Consideram os estudantes 19M e 10F que a maioria das pessoas não sabe e não gosta de filosofia, acha chato e não se interessa pelo conhecimento da filosofia.

Na vida social não tem muitas coisas novas por que para a sociedade a maioria das pessoas não sabe o que é filosofia ou não gostam de filosofia e muitas das vezes nem sabem o que é a matéria. Mas essas pessoas não sabem o que estão perdendo porque a filosofia tem um conhecimento muito grande(E19M.)

Vivo numa sociedade em que a maioria das pessoas não gostam de filosofia e às vezes não sabem nem o que é o estudo da filosofia, pois muitas vezes acham chato ou não se interessam pelo conhecimento da filosofia(E10F).

O não saber sobre ou não gostar da filosofia tem a ver, em geral, como a filosofia vem sendo ministrada em sala de aula, às vezes sem contato com a vida e a realidade social dos educandos.

Gallo (2013, p. 28) problematiza a filosofia que é deslocada da vida e do cotidiano, por ser uma filosofia voltada para a erudição, que nem sempre é desejável, por isso considera que “devemos apostar e investir na presença de uma filosofia viva, produtiva e criativa, não um arremedo de almanaque, algo como ‘tudo o que você precisa saber sobre filosofia’”.

Apenas dois estudantes consideraram que a filosofia não mudou, nem ajudou em suas vidas sociais, com os seguintes argumentos:

Socialmente não mudou minha forma de pensar e agir, não é algo que traga para o convívio social(E23F).

Até agora não ajudou na minha vida social(E11F).

As falas dos dois educandos expressam um desconhecimento do que seja a filosofia, por isso não a relacionou com a vida em sociedade.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegar a este ponto foi muito difícil e doloroso, muitas vezes achei que não deveria ou que não conseguiria terminar esta pesquisa, minha dedicação ao meu pai, que sempre foi minha prioridade, parecia que nunca era suficiente para amenizar o sofrimento dele e dar dignidade durante sua enfermidade. Infelizmente meu pai faleceu e jamais verá o fim desta etapa e com certeza ele seria a pessoa que mais ficaria feliz. Construir esta pesquisa me custou horas de ausência com meu pai, que hoje sinto falta e não tenho como reparar, espero que ela possa me abrir novos horizontes e perspectivas, pois foi um preço muito alto. Buscar forças de onde nem sabia que poderia enxugar as lágrimas que me impediam de ver o que digitava foram as tarefas mais difíceis. Graças à dedicação de minha orientadora a quem jamais poderei compensar ou retribuir a altura, chegamos às considerações finais.

No contexto social e escolar que vivemos encontramos situações de preconceitos, intolerância e marginalização de pessoas por fatores geracionais, étnicos, de gênero, entre outros. A filosofia contribui para minimizar os problemas sociais? A disciplina Filosofia está de alguma maneira contribuindo para a formação crítica dos educandos no ensino médio?

Essas foram às primeiras reflexões sobre o nosso objeto de estudo. Entretanto, quando definimos a Filosofia como campo de pesquisa, a nossa preocupação foi a pouca experiência com o ensino de filosofia, já que nossa formação é em Pedagogia. Mas aceitamos o desafio, considerando que para desenvolver um pensar crítico há necessidade por parte do docente em realizar uma prática diferente da tradicional. Que prática pedagógica os professores de filosofia vem efetivando no Ensino Médio? Ao perguntarmos sobre a prática educativa entramos também no campo da educação, que já nos é familiar.

Considerando o caráter ético-político da filosofia levantamos como problema: o ensino de filosofia ministrado em escolas públicas do Ensino Médio de Belém tem possibilitado o pensar crítico do estudante sobre problemas existenciais vivenciados em seu cotidiano social?

Nesta pesquisa objetivou-se (a) analisar na prática pedagógica dos professores se o ensino de filosofia tem possibilitado ao estudante o pensar crítico; (b) analisar se o ensino ministrado na disciplina filosofia faz sentido para a vida da maioria dos jovens estudantes do Ensino Médio e (c) verificar de que forma a disciplina filosofia ministrada no Ensino Médio contribui para a formação existencial e crítica.

Consideramos que os três objetivos foram alcançados. Os professores entrevistados em suas práticas apresentaram indícios de que pelo ensino de filosofia tem possibilitado ao estudante o pensar crítico, fazendo sentido para a vida dos estudantes e contribuindo para a sua formação existencial. As falas dos alunos corroboram essa prática direcionada para a formação ética e crítica dos educandos.

Constatamos a importância do ensino de filosofia para vida dos estudantes no ensino médio. Na pesquisa objetivamos identificar a formação crítica proporcionada pelo ensino de filosofia. Após a aplicação das cartas verificamos muito além deste foco, pois os educandos trouxeram outras questões filosóficas, principalmente a ética. Acreditamos que os professores entrevistados foram os grandes responsáveis por uma abrangência tão grande da Filosofia na formação dos estudantes. Eles procuram construir a compreensão do ensino de filosofia em uma perspectiva democrática e criativa, visando o pensar crítico dos educandos.

Os professores em suas práticas objetivam levar os estudantes a compreenderem a importância da filosofia, estimulando-os na elaboração de suas próprias questões, evitando que a disciplina fosse apenas decorada, vazia, ou simplesmente mais um conteúdo que o estudante memoriza, faz a prova e esquece. Assim, além de propor questões, consideram que o papel da filosofia é fazer o aluno pensar conceitualmente e verificar nestas questões quais as possibilidades de mudança ou possíveis soluções.

Entretanto, apesar dos docentes avançarem na busca de superar a prática conteudista, a professora mencionou ainda existir na escola esta prática e o professor destacou como problema a falta de condições em termos de recursos pedagógicos para o desenvolvimento do ensino de filosofia.

Há a compreensão por parte dos professores de que a filosofia visa uma formação humanista instrumentalizando por meio de determinadas competências o aluno para debater de forma crítica questões do cotidiano social.

Na visão dos professores o ensino da filosofia auxilia os jovens a desvelar o mundo, tornando a aprendizagem significativa a partir dos questionamentos dos educandos e segundo a professora pesquisada os alunos gostam quando a aula é questionadora e crítica. Entretanto, apontam os docentes a necessidade do uso de recursos tecnológicos que pode melhorar o ensino de filosofia.

O ensino crítico da filosofia é visto também pelos professores com o objetivo de contribuir na formação cidadã do aluno.

As estratégias pedagógicas utilizadas pelos professores são diferenciadas. A professora busca diversificar mais suas aulas com diversos recursos didáticos e o professor utiliza mais o pincel e o quadro branco. Entretanto, os dois docentes utilizam muito o quadro transcrevendo os conteúdos, pois os estudantes não compram o livro de filosofia e a biblioteca não dispõe de acervo bibliográfico para todos.

Entre as estratégias utilizadas pela professora estão o diálogo, a participação dos alunos no processo ensino-aprendizagem e a realização de amostras e seminários no âmbito da escola. O professor mencionou que o ensino de filosofia precisa ser criativo e estimulador da curiosidade dos educandos, mas não explicou como desenvolve essa criatividade em sala de aula.

Entretanto, os dois docentes expressam em suas falas a compreensão do ensino de filosofia em uma perspectiva democrática, participativa e criativa, visando à autonomia dos educandos. É consenso dos professores da necessidade de tratar sobre a história da filosofia bem como possibilitar o filosofar dos educandos, orientando-os a refletirem sobre o conteúdo filosófico e relacionando-os com a realidade atual.

Os professores afirmam desenvolver a criticidade dos seus estudantes, sendo as estratégias do professor, por meio de questões dos problemas analisados por meio da leitura dos textos e da professora levando os alunos a perceber o que ocorre no mundo em que vivem. Acreditam que é importante desenvolver o senso crítico no estudante no intuito de contribuir tanto para a sua formação cidadã, como para que compreenderem que o conhecimento serve para melhorar a vida dos indivíduos em sociedade. Em suas práticas pedagógicas buscam desenvolver o interesse dos educandos pelo pensamento filosófico.

Os resultados das ações pedagógicas críticas realizadas pelos docentes no ensino de filosofia são percebidos pelos estudantes, o que refletiu em sua participação na pesquisa, de forma significativa, pois os mesmos não foram obrigados e tiveram a liberdade de escolher participar ou não.

O resultado desta pesquisa vai de encontro a uma série de ideias pré-concebidas sobre a filosofia e seu ensino, visto como algo enfadonho, sem utilidade. A maioria dos estudantes apontou a contribuição da disciplina filosofia para suas

vidas pessoal, familiar e social, existindo por parte dos educandos a compreensão do significado antropológico, ético e político da filosofia.

A contribuição da filosofia para a vida pessoal foi expressa pelos alunos por ser a filosofia: formadora do ser humano como ser autônomo e de busca do conhecimento; inquiridora, reflexiva e explicativa e ética e política.

Em relação à vida familiar todos os estudantes expressaram uma abordagem ética, envolvendo boas relações interpessoais, o respeito às diferenças, o trato com os valores, a obediência, a honestidade, entre outros.

No campo social foram destacados pelos estudantes: a importância da Filosofia na vida social; a contribuição da filosofia no comportamento dos estudantes diante das regras sociais estabelecidas; a formação crítica; a possibilidade de refletir sobre problemas sociais, o respeito ao outro, às diferenças e a formação cidadã; a filosofia viabiliza escolhas do pensar, falar e se comunicar, a compreensão e explicação do mundo, bem como conhecer a si mesmo e outras culturas e pessoas.

Desta forma, a contribuição da filosofia para as relações pessoais, sociais, o respeito às diferenças, o trato com os valores, a obediência, a honestidade, entre outras atitudes éticas e políticas, com certeza deve contribuir para uma sociedade mais justa e menos violenta uma das nossas preocupações no início da pesquisa.

A pesquisa evidencia que o ensino de filosofia esta sendo feito com responsabilidade e está contribuindo para uma formação crítica dos estudantes do ensino médio na Escola Visconde de Souza Franco, cumprindo seu papel e ampliando seu campo de atuação da vida pessoal chegando até os amigos e os familiares dos educandos.

5 - REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: introdução à filosofia*. 2 ed. Revista e atualizada. São Paulo: Moderna, 2002.

ASPIS, Renata Pereira Lima. O professor de filosofia: o ensino de filosofia no ensino médio como experiência filosófica. *Cadernos CEDES* 64. A Filosofia e seu ensino. Campinas. V. 24, n. 64, p. 249-384, set-dez, 2004.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa/Portugal: Edições 70, 2002.

BOCHENSKI, Innocentius Marie. *Diretrizes do pensamento filosófico*. 6 ed. São Paulo: EPU, 1977

BRASIL. Lei n. 11.684, de 02 de junho de 2008. Brasília, 2008.

_____. Lei n. 9394, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. *Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional*, Brasília. 1996.

CABALLERO, Alexandre. *A filosofia através dos textos*. São Paulo: Cultrix, 1972.

CASALI, Alípio. Ética e educação: referências críticas. *Revista de Educação PUC Campinas*, Campinas, n.22, p. 75-88, junho de 2007.

_____. A ética no quadro atual brasileiro. In: *Ética: você quer fazer algo para que as coisas mudem?* São Paulo: CEPAM, 2000.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 1994.

CHIZZOTTI, Antônio. *A pesquisa em ciências humanas e sociais*. 3ed. São Paulo: Cortez, 1998.

DE FÁVERI, José Ernesto. *Filosofia da Educação: o ensino da filosofia na perspectiva freireana*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2006.

DUSSEL, Enrique. *Ética da Libertação na idade da globalização e da exclusão*. Petrópolis - RJ: Vozes, 2000.

FAVARETTO, Celso F. Notas sobre o ensino de filosofia. In. ARANTES, Paulo et al. (Org.) *A filosofia e seu ensino*. Petrópolis-RJ: Vozes; São Paulo: EDUC, 1993.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia dos sonhos possíveis*. São Paulo: UNESP, 2001.

_____. *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. *Política e Educação*. São Paulo: Cortez, 1993.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antônio. *Por uma Pedagogia da Pergunta*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985

_____. *Extensão e Comunicação*. 4e. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

GADOTTI, Moacir. *Educação e poder: introdução à pedagogia do conflito*. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1981.

GALLO, Silvio. *A especificidade do ensino de filosofia; em torno dos conceitos*. In: PIOVESAN, A. (Org.) *Filosofia e ensino em debate*. Ijuí: Editora Unijuí, 2002.

_____. *Metodologia do ensino de filosofia: uma didática para o ensino médio*. Campinas- SP: Papyrus, 2013.

_____. *Ética e cidadania: caminhos da filosofia*. 11ª Ed. Revista e atualizada. Campinas-SP: Papyrus, 2003.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5 Ed. São Paulo: Atlas: 1999.

GELAMO, Rodrigo Pelloso. *O ensino da filosofia no limiar da contemporaneidade: o que faz o filósofo quando seu ofício é ser professor de filosofia?* São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

GOODE, William J.; HATT, Paul K. *Métodos em pesquisa social*. 3. Ed. São Paulo: Nacional 1969.

GUIDO, Humberto Aparecido de Oliveira. *O diálogo com os clássicos: o ensino de filosofia como aprendizado da razão e a formação da pessoa*. In: HENNING, Leoni (Org.) *Pesquisa, ensino e extensão no campo filosófico-educacional: debate contemporâneo sobre a educação filosófica*. Londrina: EDUEL, 2010.

JASPERS, Karl. *Iniciação filosófica*. Lisboa: Guimarães, 1977.

KOHAN, Walter; GALLO, Silvio. *A filosofia na escola pública*. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____ et al. O ensino da filosofia no Brasil: um mapa das condições atuais. In: *CadernoCedes*, Campinas, vol. 24, n. 64, p. 257-284, set./dez. 2004. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia Científica*. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2005.

LINS, Daniel. Manguê's School ou por uma pedagogia rizomática. *Educação & Sociedade* 93. V.26. Set.-Dez. 2005.

LORIERI, Marcos Antônio; RIOS, Terezinha Azerêdo. *Filosofia na escola: o prazer da reflexão*. São Paulo: Moderna, 2004.

_____. *O ensino de Filosofia na Educação Básica - dificuldades e perspectivas*. Disponível em: <http://filosofiapibidufabc.files.wordpress.com/2011/09/lorieri-filosofia-na-educac3a7c3a30-bc3a1sica-2010.pdf>. Acesso em dezembro de 2012.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. *A.Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: E.P.U, 1986.

LUCKESI, Carlos C. *Filosofia da Educação*. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. Filosofia, exercício do filosofare prática educativa. In: *Em Aberto*. Ano 09. Nº 45, Brasília: INEP, jan./ mar, 1990.

MAAMARI, Adriana Mattar. As novas práticas na formação de professores de filosofia. In. HENNING, Leoni (Org.) *Pesquisa, ensino e extensão no campo filosófico-educacional: debate contemporâneo sobre a educação filosófica*. Londrina: EDUEL, 2010.

MAZAI, Roberto; RIBAS, Maria Alice Coelho. Trajetória do ensino de filosofia no Brasil. In: *Disciplinarum Scientia*. Série: Ciências Sociais e Humanas, Santa Maria, V.2, n.1, p.1-13, 2001.

MARCONDES, Danilo. *É possível ensinar a filosofia? E, se possível como?* In: KOHAN, W. (Org). *Filosofia; caminhos para o seu ensino*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

_____. *Textos básicos de Ética: de Platão a Foucault*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

MONTEIRO, Maria Neusa. *Filosofia da Educação no Ensino Médio em Belém*. Belém: E.F.S, 2000.

MORAES, Ana Alcídia Araújo. Tarrafa de pescaria: o uso da carta na pesquisa. *Interface Comunic., Saúde, Educ.* V.10, N.19, p. 169- 184. Jan/Jun, 2006. Disponível em: WWW.redalyc.org/articulo. Acesso em 04 de dezembro de 2013.

MORIN, Edgar, *A cabeça-bem feita: repensar a reforma reformar o pensamento*. 8ª ed. Rio e Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MURCHO, D. *A natureza da filosofia e o seu ensino*. Lisboa: Plátano, 2002.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de; FONSECA, Maria de Jesus; SANTOS, Tânia Lobato. A entrevista na pesquisa educacional. In: MARCONDES, Maria Inês; OLIVEIRA, Ivanilde A.; TEIXEIRA, Elizabeth (Orgs.). *Metodologias e Técnicas de Pesquisa em Educação*. Belém: EDUEPA, 2010.

_____. *Filosofia da Educação: Reflexão e debates*. Petrópolis-RJ: VOZES; Belém: UNAMA, 2006.

_____. *Leituras freireanas sobre educação*. São Paulo: UNESP, 2003.

_____. O ato de perguntar na Pedagogia Freireana. SAUL, Ana Maria. *Paulo Freire e a formação de educadores: múltiplos olhares*. São Paulo: Articulação Universidade/Escola, 2000.

PECHULA, Marcia Reami, *Reflexões acerca da filosofia no ensino médio: o papel da disciplina e de seus conteúdos em sala de aula*. 2003. Disponível em colsoajose.com.br/downloads/estante/reflexões_acerca_da_filosofia.pdf. Acesso em 03/12/2013.

PINHEIRO, Celso de Moraes; FRANKLIN, Karen. Filosofia e direitos humanos: desafios para o ensino médio. In: HENNING, Leoni (Org.) *Pesquisa, ensino e extensão no campo filosófico-educacional: debate contemporâneo sobre a educação filosófica*. Londrina: EDUEL, 2010.

PONTES, Reinaldo Nobre. *Relações sociais e violências nas escolas*. Belém: Unama, 2007.

RIOS, Terezinha Azerêdo. *Ética e competência*. São Paulo: Cortez, 1993.

ROCHA, Ronai Pires da. Sobre o espaço da filosofia no currículo escolar. Margens. *Revista Multidisciplinar do Núcleo de Pesquisa – CUBT/UFPA. Dossiê Filosofia da Educação*. V.2, N.3. Jun.2005. Abaetetuba-PA: CUB/UFPA; Belém-PA: Paka-Tatu, 2005.

ROSA. Luis Fernando Munaretti da. *Filosofia para quem não vai ser filósofo*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2007.

SAVIANI, Dermeval. *Educação; do senso comum à consciência filosófica*. São Paulo: Cortez, 1980.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Filosofia*. São Paulo: Cortez, 1994.

TEIXEIRA, Elizabeth; OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. Cuidados éticos na pesquisa. In: MARCONDES, Maria Inês; TEIXEIRA, Elizabeth; OLIVEIRA, Ivanilde

Apoluceno (Orgs.) *Metodologias e técnicas de pesquisa em educação*. Belém: EDUEPA, 2010.

VASCONCELOS, Maria Lucia Marcondes Carvalho; BRITO, Regina Helena Pires de. *Conceitos de educação em Paulo Freire*. 3e. Petrópolis-RJ; Vozes; São Paulo-SP: Mack Pesquisa, 2009.

UNESCO. Recomendaciones sobre La Enseñanza de La Filosofía en Europa y Norteamérica, Milão: Itália, 2001. Disponível: http://csh.izt.uam.mx/cen_doc/cefilibe/demo/RECOMENDACIONES.pdf.

7 – ANEXOS - Instrumentos da Pesquisa

Entrevista com os professores

I - DADOS PESSOAIS

- 1.1 Entrevistados: Nº
- 1.2. Sexo:
- 1.3 Idade:
- 1.4 Formação:
- 1.5 Atuação:
- 1.6 Escola:
- 1.7 Séries:
- 1.8 Números de alunos por turma:

II - DADOS SOBRE FORMAÇÃO

- 2.1. Qual sua formação profissional? Em que ano? Onde?
- 2.2. Por que escolheu o curso de filosofia?
- 2.3. Você gosta de lecionar filosofia no Ensino Médio?
- 2.4. Qual a importância da Filosofia no Ensino Médio?
- 2.5 A formação inicial prepara o docente para os desafios da prática em sala de aula?
- 2.6 Quais são as necessidades formativas dos professores de filosofia?
- 2.7 Os professores sentem-se preparados para exercer a docência?

III – SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA

- 3.1. Como você planeja o ensino de filosofia? O que leva em consideração neste planejamento?
- 3.2. Que estratégias metodológicas você usa para ensinar filosofia?
- 3.3. Que recursos pedagógicos você utiliza?
- 3.4. Qual o conteúdo de sua disciplina?
- 3.5. Qual o sentido do ensino de Filosofia?
- 3.6. Como você avalia o aluno em termos de aprendizagem?
- 3.7. O que você trabalha com a filosofia: o conteúdo da história da filosofia ou o ato de filosofar?
- 3.8. Você se preocupa em desenvolver a criticidade do aluno? Justifique a resposta
- 3.9. Como você desenvolve a criticidade do aluno?
- 3.10. Porque é importante desenvolver o senso crítico no aluno?
- 3.11. O que significa ser docente de filosofia?
- 3.12. O que um professor de filosofia deve ter de conhecimentos?
- 3.13. Quais competências devem ser trabalhadas pelos professores durante a aula de filosofia?
- 3.14. Quais os desafios de ser professor (a) de filosofia?
- 3.15. Você acredita que os professores estejam preparados para a função de ensinar Filosofia?
- 3.16. Você acredita que é preciso rever as práticas do professor de filosofia?
- 3.17. Na sua prática pedagógica você ajuda ao aluno desenvolver o interesse pelo pensamento filosófico?

- 3.18. Você leva o estudante compreender sua relevância e a vir a elaborar suas próprias questões?
- 3.19. O ensino de Filosofia auxilia o jovem na descoberta de sua direção frente ao mundo que está aí para ser desvelado por ele?
- 3.20. O ensino de Filosofia oferece condições para uma aprendizagem mais significativa a partir dos questionamentos e expectativas dos discentes?
- 3.21. Que tipo de metodologia os professores podem utilizar para convidar os alunos à prática da reflexão?
- 3.22. O que se refere a questões ideológicas - políticas as discussões sobre o assunto existem? São muito abrangentes ou superficiais?
- 3.23. Tem alguma coisa que você gostaria ainda de falar?

Muito obrigada.



Universidade do Estado do Pará
Centro de Ciências Sociais e Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação
Travessa Djalma Dutra, s/n – Telégrafo
66113-200 Belém-PA
www.uepa.br/mestradoeducacao